

11 Abril 2016  
Segunda-Feira  
Semanário - Ano 1  
Nº 4 / kz 400  
Director-Geral  
Evaristo Mulaza

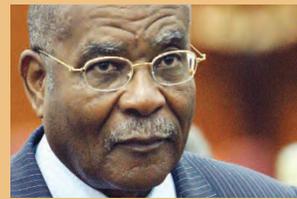
## Caixa Angola financia Governo com 16 mil milhões AKZ

O Estado contraiu uma dívida de 16 mil milhões de kwanzas ao Caixa Angola para cobrir despesas de investimento. A operação foi autorizada por José Eduardo dos Santos e o montante já compensou na conta do Tesouro. Pág. 12

## REACÇÃO DO MINISTRO DOS PETRÓLEOS

### “O bloco 14 não integra a Zona de Interesse Comum”

Após a informação avançada, na última edição do VALOR, sobre a exigência de uma indemnização de 500 milhões de dólares da República Democrática do Congo às autoridades angolanas, José Botelho de Vasconcelos admite “dificuldades” nas negociações com o vizinho, mas afirma que não recebeu qualquer reclamação “por escrito”. Pág. 4



## POR ACUMULAÇÃO DE DÍVIDAS

### Angolanos podem perder cimenteira do K. Sul

A fábrica do cimento Yetu, no Kwanza Sul, pode passar para as mãos de empresas estrangeiras, por causa de dívidas que os accionistas angolanos acumularam, junto de fornecedores. Pág. 14

## ORDEM DOS BANCOS NORTE-AMERICANOS

# Europeus ‘proibidos’ de receber dólares de Angola

**DIVISAS.** A saída dos bancos correspondentes do país forçou a banca angolana a usar a Europa como alternativa para as transações em dólares para os Estados Unidos. No entanto, este ‘corredor’ pode fechar a qualquer altura. Os norte-americanos avisaram os pares europeus de que não querem negócios com a banca angolana, por riscos associados a questões de ‘compliance’. Pág. 10



Moedas AKZ USD 161,9 Kz (+1) ▲ EUR 184,4 Kz (+3,3) ▲ LIBRA 229,6 Kz (-0,1) ▼ YUAN 24,9 (+0,2) ▲ RAND 10,8 (+0,3) ▲

# Descarregue a App

Visite o website: [www.valoreconomico.co.ao](http://www.valoreconomico.co.ao)



# OS FUNDOS DE ANGOLA

N um intervalo de pouco mais de seis anos, o Fundo Monetário Internacional foi chamado a intervir em Angola, com dois programas de assistência técnica e financeira. O bulício que se criou à volta da natureza do regresso do Fundo é, por isso, no mínimo, incompreensível. Já, em Novembro de 2009, os termos do acordo 'stand-by' incluíam, além da assistência técnica, um empréstimo de 1,4 mil milhões de dólares. E os valores, na altura, foram justificados pela necessidade de recuperação das reservas internacionais líquidas e do equilíbrio da balança de pagamentos, afectadas pela queda do preço do barril do petróleo nas praças internacionais. O cenário de fundo que se coloca desta vez tem mais semelhanças do que diferenças, em relação ao passado, ainda que os termos da negociação variem em alguma medida. Tal como em 2009, o FMI é chamado numa altura de profunda crise económica e financeira, com a queda vertiginosa do preço do principal produto das exportações nacionais e consequente quebra das receitas fiscais. Tal como há quase sete anos, o Fundo vem num momento em que o Governo se vê a braços com dificuldades sé-



rias de financiar o seu programa de investimentos públicos e com largas necessidades de recuperar a confiança dos parceiros externos. As diferenças entre os dois cenários não são por isso necessariamente relevantes. Em termos práticos, tal como o 'stanb-by', o 'Extend Fund Facility' ou 'Programa de Financiamento Ampliado', vai incluir assistência técnica e algum dinheiro fresco, cujo montante não deve diferenciar muito do empréstimo negociado em 2009 e reembolsado por Angola em 27 meses. Aliás, na conferência de imprensa, em que o ministro das Finanças dedicou tempo a desmentir as interpretações que atribuíam a Angola um pedido de resgate, ficou mais do que esclarecido que uma das prioridades do Governo, nas conversações que se vão seguir em Washington, será negociar

um envelope financeiro para financiar o seu programa de investimentos públicos.

Os benefícios que se projectam com a assinatura do acordo justificam, por isso, plenamente a aceitação geral da decisão do Governo que, como já referido, pode aligeirar vários 'apertos' que afligem a economia. Desde logo, a possibilidade de uma perspectiva diferenciada dos credores das praças financeiras internacionais que muito provavelmente, sem esse acordo, estariam mais inclinados a 'castigar' Angola, com taxas de juro proibitivas, na compra da dívida soberana. Ou, em certa medida, a reposição de alguma confiança no país, gravemente abalada não apenas pela situação específica da desvalorização do petróleo, mas também por uma série de insuficiências associadas. Como a crise de credibilidade do sistema bancário que está cada vez mais vigiado pelos pares internacionais, nomeadamente os norte-americanos. Como revela, esta semana, o VALOR, o 'contorno europeu' que sobrava aos bancos angolanos para a transferência de dólares para os Estados Unidos está agora comprometido, com os norte-americanos a avisarem os pares europeus que não recebem mais dinheiro com origem angolana. Qualquer decisão no sentido de amenizar toda essa pressão só pode ser 'bem vinda'.



## FICHA TÉCNICA

### Director-Geral:

Evaristo Mulaza

### Directora-Geral-Adjunta:

Geralda Embaló

**Editor Executivo:** António Nogueira

**Editor gráfico e chefe de produção:** Pedro de Oliveira

**Redacção:** António Miguel, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

**Secretária de Redacção:** Lúcia de Almeida

**Fotografia:** Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

**Paginação:** Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

**Colaboradores:** Cândido Mendes

**Produção gráfica:** Notiforma SA

**Propriedade e Distribuição:** GEM Angola Global Media, Lda

**Tiragem:** 4.000 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15

**GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:**

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

**Departamento Administrativo:** Jessy Ferrão, Nelson Manuel e Valdimir de Almeida

**Departamento comercial:** Arieth Lopes, Geovana Fernandes e Mariquinha Rego

**Tel.:** +244941784790-(1)-(2)

**Nº de Contribuinte:** 5401180721; **Nº de registo estatístico:** 92/82 de 18/10/82

**Tel.:** +244 936272323

**Endereço:** Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones:

+244 222 320510, 222 320511

Fax: 222 320514

# A semana

## 3 PERGUNTAS A...



### LOPES PAULO

#### Quais são os critérios do 'Doing Business' do Banco Mundial?

As economias são classificadas pela sua facilidade de fazer negócios, 1-189. O número 1 corresponde ao melhor ambiente, enquanto o número 189, o pior. Um alto ranking de facilidade de fazer negócios significa que o ambiente regulatório é mais propício para a criação e operação de uma empresa local.

#### Angola está sempre na 'cauda'. Porque?

As reformas estruturais levam tempo na sua implementação e na aferição dos resultados, não obstante a vontade política. Desde a capacitação do capital humano, a mobilização de recursos à realização de investimentos em infra-estruturas para produção e distribuição de energia eléctrica. Desde mudanças na regulamentação à celeridade na emissão de documentos.

#### Estas classificações prejudicam a economia Angolana?

O Relatório é elaborado pelo Banco Mundial e serve, de algum modo, de orientação para investidores que procuram novos mercados, mas que desejam obter garantias e segurança jurídica. Países com classificação débil terão mais dificuldades em atrair investimentos estrangeiros qualitativos quer directos quer indirectos.

TERÇA-FEIRA

O Presidente da República aprovou uma garantia soberana do Estado no valor de 325 milhões de dólares para a cobertura da linha de crédito para a reestruturação do estatal Banco de Poupança e Crédito (BPC).

QUARTA-FEIRA

Angola solicitou um programa de assistência, para os próximos três anos, ao FMI. Os termos serão debatidos nas reuniões de Primavera, em Washington, anunciou aquela instituição num documento, assinado pelo seu subdiretor-geral, Min Zhu,

QUINTA-FEIRA

As Comissões Económica e para a Economia Real decidiram reduzir o valor máximo de saída de divisas, por singulares, que se deslocam ao exterior, passando de 15 para 10 mil dólares, para os maiores de 18 anos, e de 5.000 para 3.500 dólares para os menores.



### SEGUNDA-FEIRA

O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, procedeu a abertura oficial da produção de milho no Projecto Integrado de Desenvolvimento Agrícola da Quiminha, em Luanda, numa área de 130 hectares.

SEXTA-FEIRA

O governo de Luanda vai regulamentar a Lei 08/5, de 11 de Agosto, que prevê o pagamento da taxa dos serviços de limpeza e saneamento, para a arrecadação de receitas necessárias para a optimização dos serviços, anunciou o governador Higino Carneiro.

SÁBADO

A Sociedade Mineira do Tchegi (SMT), inaugurada na Lunda-Norte, pretende produzir 250 mil quilates de diamantes em três anos. A mina, que detém uma extensão de 600 quilómetros quadrados, foi inaugurada pelo ministro da Administração do Território, Bornito de Sousa.

DOMINGO

Até final de 2015, o investimento de empresas chinesas, em Angola, em empreitadas estava estimado em 56,7 mil milhões de dólares, afirmou em Luanda, o embaixador da China, Cui Aimin, no acto constitutivo da Câmara de Comércio Angola/China.



### COTAÇÃO



### EUROPA EM BAIXA PELA SEGUNDA VEZ

Os principais mercados bolsistas fecharam a semana a valorizar entre os 0.28% do S&P500 americano e os 1.10% do FTSE100 inglês. As excepções foram Shanghai Composite chinês, que fechou com perdas de 0.78%, e o Bovespa brasileiro que acabou a semana a valorizar 3.53%, liderado pelos ganhos de 7% da petrolífera Petrobrás, animados por investidores favoráveis à mudança de governo federal.



### PETRÓLEO 'AMEAÇADO'

O petróleo fechou a semana no verde com ganhos de mais de 2%, no caso do Brent chegando acima dos 42 dólares, e estabilizando nos 41,56, que de resto sustentaram os avanços das principais praças europeias. O PSI 20 português liderou os ganhos europeus com mais de 2% de valorização alavancada também pela banca. Os títulos do Millenium BCP valorizaram 5,43%.

# Economia/Política

GOVERNANTE REAGE À EXIGÊNCIA DA RDC

## Não há nenhuma reclamação ‘por escrito’

**REACÇÃO.** Governante angolano fala sobre a ‘briga’ na Zona de Interesse Comum com o Congo Democrático e assegura que o bloco 14 não integra o acordo.

Por Cândido Mendes

O ministro dos Petróleos, José Maria Botelho de Vasconcelos, admitiu, em declarações exclusivas ao VE, que responsáveis da República Democrática do Congo “têm feito pronunciamentos”, a propósito do dossier sobre a Zona

de Interesse Comum, mas avança que não há qualquer reclamação “por escrito”.

O governante reagia à matéria divulgada na última edição do VE que avançava uma exigência de 500 milhões de dólares da RDC às autoridades angolanas, devido ao alegado unilateralismo de Angola na atribuição à Chevron da concessão para exploração e desenvolvimento do bloco 14. Campos petrolíferos que, na visão do vizinho do norte, se situam dentro dos marcos da Zona



José Maria Botelho de Vasconcelos, ministro dos Petróleos

de Interesse Comum (Point Interest Zone ou JIZ em inglês). “São declarações que algumas entidades da RDC vêm fazendo, mas por escrito não há nada”, insiste Botelho de Vasconcelos que detalha as dificuldades nos contactos com o país vizinho. “É que, nas mesas das nossas negociações, muitas vezes chegamos a determinado consenso, mas depois a RDC, pela voz de alguns dos seus responsáveis, tem dado o dito por não dito”, explica.

Para o Governo angolano, o bloco 14 sempre esteve fora dos marcos da

ZIC, que, “não é bem sucedida por culpa dos congolezes”.

As negociações para o estabelecimento de uma zona de exploração conjunta tiveram início nos anos 2000 e arrastaram-se até 2007, quando ficou concluído o acordo inicial de partilha de recursos petrolíferos no espaço marítimo conjunto. Da RDC chegam “sempre dificuldades”, com entidades daquele país a reivindicarem publicamente posições não constantes no acordo por eles assinado. “A Zona de Interesse

Comum foi definida e, numa primeira fase, foi aceite pela RDC só depois, na implementação, é que a decisão não foi levada adiante. E como tal as coisas não têm avançado”, detalha o ministro.

A disputa na JIZ é, na verdade, um diferendo sobre a definição da fronteira marítima entre os dois países, sendo que Angola e RDC optaram por seguir um modelo de definição de fronteiras diferente dos dois padrões habituais, em termos de práticas internacionais. A disputa já transitou para a Organização da Nações Unidas onde corre os trâmites normais. “Vamos aguardar que se chegue a uma resolução que satisfaça as duas partes”, aponta o ministro, indicando que, enquanto isso, Angola se mantém disponível para negociar. “Porque somos vizinhos, precisamos manter uma cooperação de irmandade”, justifica.

A petrolífera norte-americana Chevron, apanhada no meio de uma ‘briga’ alheia, continua, no entanto, a trabalhar “normalmente, porque a atribuição da concessão do bloco 14 foi uma decisão soberana da República de Angola, já que o espaço nunca foi parte da ZIC”.

### PETROLÍFERAS MANTÊM-SE

“Não existem empresas petrolíferas a abandonar o país por causa dos custos de produção”, esclareceu o ministro dos Petróleos que esclarece que os blocos que estão em desenvolvimento continuam a produzir e as empresas que encontraram crude também. Já aquelas que não encontram petróleo, em função do contrato, “são obrigadas a realizar um determinado programa”.

ESTRATÉGIA PARA A CRISE

## Cooperativas desafiadas a produzir mais

**O MINISTRO** Abrahão Gourgel desafiou as cooperativas de diferentes ramos a participarem nas políticas públicas.

“Os tempos que correm são difíceis” lembrou o ministro da Economia na Conferência Nacional

Sobre o Cooperativismo, que juntou cooperativas, associações empresariais e funcionários da administra-

ção pública. O ministro sublinhou que, face à conjuntura, o “Governo tem procurado envolver o sector privado para encontrar o melhor caminho para a diversificação da sua economia”.

Segundo Abrahão Gourgel, há estudos demonstram que o cooperativismo pode ser uma forma de organização empresarial com muita relevância económica e social, capaz de gerar emprego, aumentar a produção de bens e serviços e contribuir para a segurança alimentar. Para Abrahão Gourgel, a experiência internacional, citando exemplos dos EUA onde há 30 mil cooperativas, França com 21 mil e Quênia em

que 63% da população depende dos resultados das cooperativas, revela que esse tipo de organizações têm contribuído “para a melhoria da vida e para o progresso económico”. Dados da Confederação das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias apontam para a existência de 2.038 cooperativas no sector agropecuário. Uíge com 426, Huíla com 196 e Benguela com 193 são as províncias com mais cooperativas. Há as de crédito, como a Rede Crédito e COOPREFT, duas de Habitação, Cajueiros e Lar Patriota. No diagnóstico sobre as cooperativas nas 18 províncias, foram apontados vários constrangimentos. Os

principais prendem-se com a inexistência de financiamento nos bancos, falta de insumos e de seguros agrícolas. Os representantes dos bancos esclareceram que a falta de abertura justificava-se pelo facto das cooperativas não apresentarem documentos de garantias e que muitas delas não dispõem de património. A conferência teve como tema: ‘Cooperativismo como modelo empresarial, sustentável e rentável e o seu impacto no fortalecimento da economia angolana e serviu também para divulgar a lei das cooperativas, aprovada há nove meses.



**ANGOLA PRODUZ** apenas um 1,8 milhões de toneladas de cereais por ano, contra 4,5 milhões, necessárias para satisfazer o consumo interno humano e animal, revelou o director nacional do Instituto de Cereais (Incer), Benjamim Castelo.



ESTÁDIO  
NACIONAL  
D'OMBAKA

A CIDADE DE BENGUELA acolhe, de 18 a 22 de Maio próximo, a sexta edição da Feira Internacional de Benguela (FIB) 2016. A feira com periodicidade anual tem permitido à organização fomentar a promoção do potencial económico e industrial da província e alicerçar a competitividade empresarial.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS ESCLARECE AJUDA DO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

# Governo afasta cenário de resgate financeiro pelo FMI

**ASSISTÊNCIA TÉCNICA.** Angola vai contar com uma intervenção do Fundo Monetário Internacional no seu processo de diversificação económica. A assistência do organismo vai servir para ajudar na redução da informalidade da economia e no aumento das receitas fiscais não petrolíferas.

Por Nelson Rodrigues

A solicitação de Angola ao Fundo Monetário Internacional (FMI), anunciada na semana passada, “não é de carácter financeiro, mas sim de assistência técnica”, de acordo com o ministro das Finanças, Armando Manuel, que desmentiu a ideia de o país ter pedido um resgate.

Armando Manuel falava aos jornalistas, em conferência de imprensa, reagindo a interpretações à volta do comunicado do FMI, dando conta de uma solicitação do Governo ao organismo para aceleração do processo de diversificação da economia, ao abrigo do Programa de Financiamento Ampliado (Extended Fund Facility – EFF, em inglês), que deve durar três anos.

“Percebeu-se como se tratando de um resgate. Em momento

nenhum terá sido escrito um resgate [na informação aos mercados sobre o apoio do FMI]. Então, é uma questão de percepção”, explicou o ministro, em resposta a várias perguntas levantadas por jornalistas, sobre as modalidades do anunciado apoio.

De acordo com Armando Manuel, o programa EFF tem um “cunho” de assistência técnica, sendo que poderá ajudar na “maximização do potencial dos setores das minas, agricultura, pescas e turismo” do país, para, como referiu, “gerar mais renda fiscal”.

“Em função das circunstâncias, [o programa] pode trazer pacotes financeiros para apoiar as medidas de política que venham a ser implementadas”, detalhou o governante, sem, no entanto, quantificar montantes envolvidos no programa.

O FMI, por sua vez, confirmou a solicitação angolana de um programa de assistência para os próximos três anos, cujos termos serão debatidos nas reuniões de primavera, em Washington, e numa visita que o organismo efectuará ao país.



Armando Manuel,  
ministro das  
Finanças

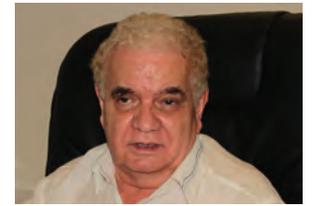
“O FMI está pronto para ajudar Angola a enfrentar os actuais desafios económicos, com um pacote de políticas abrangentes para acelerar a diversificação da economia, salvaguardando a estabilidade macroeconómica e financeira”, lê-se no comunicado da instituição internacional, que antevê para esta semana o início das conversações com o Governo.

Este pedido de apoio surge duas semanas depois de o crescimento da economia do país ter sido revisto em baixa, por duas importantes instituições de ava-

liação financeira internacional. O crescimento da riqueza poderá situar-se nos 2,5, o preço do barril do petróleo nos 35 dólares e a taxa de inflação nos 14%.

A comunicação do Governo serviu também para pôr fim aos comentários e várias reacções que surgiram horas depois de a instituição de ‘Bretton Woods’ ter tornado público a medida. A imprensa portuguesa e os seus analistas foram incluídos no grupo dos que faziam “erros de interpretação” ao documento e posição do Governo.

REACÇÕES



Manuel Alves da Rocha  
no Africa Monitor

*A situação actual é bem pior do que a anterior vinda do FMI, em 2009. Resta saber qual é a contrapartida que o FMI vai exigir, na medida em que nós já tivemos um acordo monitorizado pelo FMI em 2009 durante dois anos e teve muitos apertos na actividade do Estado, e nessa altura as expectativas de retoma de crescimento do preço eram evidentes, ao passo que agora não há esta base.*



José Severino  
presidente da AIA, no Novo Jornal

*É uma boa notícia, que vem atrasada. Mas, mais vale tarde do que nunca. O rigor não nos fará mal. Vai doer, mas rigor só nos fará bem. Em Novembro de 2014, já a AIA dizia que a reestruturação da economia angolana ia doer. E tinha de doer porque nós vínhamos da ‘petrodólar mania’.*

# Economia / Política

ATROPELOS À LEGISLAÇÃO

## Todos vendem ao consumidor

**REGULAMENTAÇÃO.** Agentes comerciais denunciaram haver concorrência desleal no mercado como consequência das constantes violações a lei do exercício da actividade comercial, uma delas é a falta de cumprimento da cadeia de comércio.

Por José Zangui

Em Angola o comércio desobedece a várias regras, começando pelo ciclo de venda de bens e serviços, passando pela forte intervenção de estrangeiros em negócios que não podem exercer, até a coabitação de armazéns com os retalhistas nas cidades.

Estas “queixas” foram apresentadas por vários de entre as centenas de agentes, grossistas e retalhistas que, durante um Workshop promovido pelo Instituto de Preços e Concorrências, uma das entidades que faz parte da comissão multisectorial encarregue de fiscalizar os preços vigiados e que integra também os serviços de investigação criminal e a Inspeção Geral do Comércio.

De acordo com o comerciante Raul Mateus, esses atropelos das regras pré-definidas “prejudica sobretudo os retalhistas que não encontram mercado mas que pagam impostos. Não há uma cadeia de venda organizada, todos, produtores, importadores, grossistas e retalhistas vendem directamente ao consumidor final, prática que viola a lei do exercício das actividades comerciais e regras da Organização Mundial do Comércio”, enfatizou.

A Inspeção-geral do comércio admite ter conhecimento de algumas destas práticas mas reconhece não ter suficientes recursos humanos para actuar em todos os casos, como várias vezes explicou, Heleno Antunes. A lei da actividade do exercício das actividades clarifica as regras da cadeia de comércio:

Produtor-importador-grossista, por um lado, grossista – retalhista e finalmente retalhista – consumidor. Nenhum dos agentes pode ultrapassar este ciclo legal.

Outro agente comercial, no caso, Paulo de Carvalho, administrador da Score Distribuição, detentora da rede Mel, defende mais fiscalização para que este ciclo seja respeitado.

A lei define também o tipo de comércio que pode ser exercido pelos estrangeiros, (o grande e o médio comércio), sendo que os nacionais não têm limitações. “Desde que estejam devidamente licenciados pelas entidades competentes, o Ministério do Comércio ou pelas administrações, no caso de se tratar de comércio precário ou feiras”. Está igualmente previsto o espaço geográfico onde cada tipo de comércio deve ser exercido, os armazéns não devem estar instalados nas cidades e, aqueles que já existem devem ser transformados em Cash e Carry, Hipermercados, mini-mercados ou centros comerciais modernos. Quem não estiver nessa condição, deve abandonar

a cidade. A presença de armazéns não apenas favorece o atropelo das regras comerciais, como potencia a venda ambulante e ainda sobrecarrega o trânsito camionista no centro da cidade.

O processo de transferência dos armazéns da cidade para periferia, iniciado há mais de cinco anos pela ministra Rosa Pacavira e que tinha como prazo limite o mês de Dezembro último, continua a tardar na sua conclusão. Sob nova gestão desde setembro o Ministério do Comércio encabeçado por Fiel Constantino, justifica o atraso com a preparação do espaço para o alojamento dos agentes abrangidos. Em Luanda estão a ser construídos os Centros Logísticos de Distribuição (CLODs) no Benfica e em Viana.

### Extensão da rede espera por dinheiro

A rede comercial compreende mais de 80 mil estabelecimentos e a expansão da rede até 2017 exige 1.838 milhões de dólares, dos quais 40% destinado a grandes superfícies que se espera de iniciativa privada.

O investimento público prevê a construção de cinco Centros logísticos de Distribuição (CLODs), quatro entrepostos logísticos, 161 lojas Poupa Lá e 39 galerias comerciais, totalizando 134.009 milhões de kwanzas. Algumas já estão em curso, como são o CLOD de Viana e as lojas Poupa Lá.

2.000m<sup>2</sup>

Área de venda que devem ter os Hipermercados

- Kero
- Shoprite
- Jumbo
- Kibabo

200 a 2.000m<sup>2</sup>

Área de venda que devem ter os supermercados

- Nosso Super
- Maxi
- Deskontao
- Shoprite

### CADEIA DE COMÉRCIO NORMAL

A lei da actividade do exercício das actividades clarifica a cadeia de comércio que obedece a seguinte regra: Produtor-importador-grossista, por um lado, grossista – retalhista e finalmente retalhista – consumidor. Cada um destes intervenientes não pode ultrapassar este ciclo legal.



### RELAÇÕES EMPRESARIAIS MAIS PRÓXIMAS

## Angola e China priorizam agricultura

A Câmara de Comércio AngolaChina propõe-se a trabalhar “na melhoria do ambiente de negócio e na proteção de quem aceite o desafio de investir em Angola”. O antigo Presidente do Conselho de Administração da Endiama, Manuel Arnaldo Calado, preside à organização e Gentil Viana, presidente do Conselho de Administração do grupo Drago Investment, é o vice-presidente.

Angola exporta para China essencialmente petróleo, do outro lado do

‘gigante asiático’, segunda maior economia do mundo, vêm equipamentos, capital humano e até financeiro para as cerca de mil empresas que trabalham em Angola.

Em declarações ao VE, Gentil Viana assegurou que a agricultura será o ponto estratégico das parcerias entre os empresários, seguindo-se a indústria e o sector das tecnologias. A Câmara também vai ser uma plataforma de capacitação dos empresá-

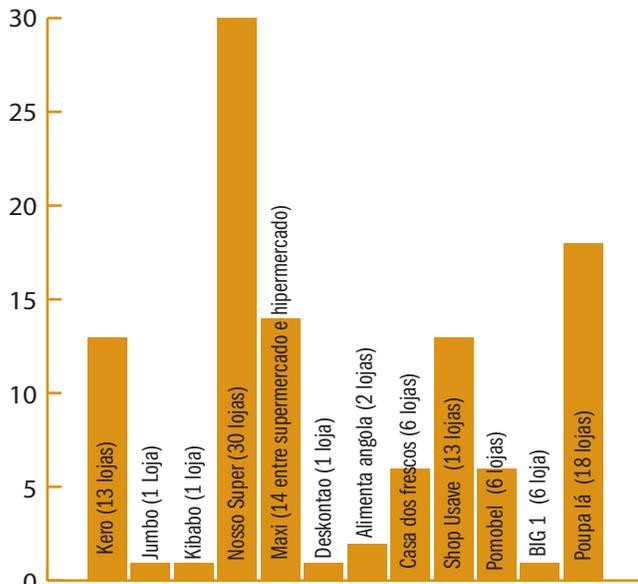
rios quer do lado chines que poderão aprender o português, quer dos angolanos que poderão aprender o mandarim “para multiplicarem as suas oportunidades de sucesso nas deslocações empresariais”.

Centenas de empresas chinesas trabalham em Angola entre, micro, pequenas e médias. Entretanto, não há registo de empresários angolanos com investimentos na China.

Gentil Viana diz não haver neces-

# 2017

O RELATÓRIO ECONÓMICO SOBRE ÁFRICA, apresentado na semana de Desenvolvimento de África, em Addis Abeba, prevê um crescimento para o continente de 4,3% este ano, e de mais 0,1 pontos percentuais, em 2017.



Fonte: Ministério do Comércio e Instituto de Fomento Empresarial

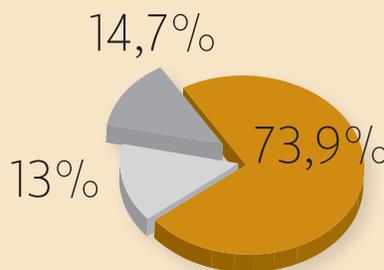


A lei define também o tipo de comércio que pode ser exercido pelos estrangeiros, (o grande e o médio comércio). Para os nacionais não há limites, desde que estejam devidamente licenciados.



## 80.000

Mais de oitenta mil é a estimativa de estabelecimentos existentes. Maioritariamente concentram-se na zona Norte com 73,9%, centro com 14,7%, as restantes zonas ( Sul e Leste ) somam 13%. Luanda é a província com maior número de unidades 52,6% do total. Entretanto o número de estabelecimentos existentes é ainda insuficiente, pois a capacidade do mercado nacional é estimada em 250.000 estabelecimentos comerciais.



sidade porque os angolanos estariam em desvantagem, lembrando que a China é a segunda maior economia do mundo e que as empresas angolanas naquele país não seriam competitivas devido a vários factores. “É preciso produzir primeiro internamente em quantidade e qualidade para depois competir”, defende.

Apesar de não haver empresas angolanas na China, Gentil Viana considera que a parceria “é mutuamente

vantajosas”, já que ambos os países têm imensas potencialidades para valorizar. “A China tem experiência, capital financeiro e humano, enquanto Angola é detentora de um mercado por explorar.” Os empresários poderão fazer investimento a título individual ou em parceria com angolanos.

Os sectores essenciais, além da agricultura e indústria, “são os que foram eleitos pelo Governo como prioritários na estratégia para saída

da crise”. Os chineses precisam de saber a legislação angolana, para diminuir o índice de ilegalidade mas também de saber que incentivos são dados aos investidores, segundo Francisco Xeng, empresário chinês que trabalha em Angola há mais de 10 anos. Essas informações agora poderão ficar mais facilitadas com a tradução dos documentos em língua chinesa e realização de conferências pela Câmara de comércio Angola- China.

PUB

www.macontransp.com

*Seu Destino, nosso Objectivo!*

## Aluguer, Fretamento & Turismo

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, transportando pessoas para lazer ou trabalho há mais de 14 anos.

Realizamos os serviços de Aluguer, Fretamento e Turismo, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Dispomos de estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.

Fretamento

Urbano

Conforto para todo tipo de Viagem

Turismo

Autocarros Monitorados Via Satélite

A Macon têm as melhores opções para suas necessidades em Transporte, com serviços diferenciados com foco total no Conforto, Segurança e na Qualidade.

comercial@macontransp.com

**923 61 61 58 / 226 21 35 04**

## Economia/Política

FALTA DE PAGAMENTOS E REDUÇÃO DO VALOR DE CONTRATOS

## Mais de 20 operadoras deixam

LIXO. Depois de o Governo cortar para metade o orçamento para a limpeza de Luanda, de cerca de 20 milhões de dólares para cerca

Por António Miguel

**P**elo menos, 21 operadoras de recolha de limpeza de lixo deixaram de limpar Luanda. Na origem da desistência, está, por um lado, a falta de pagamento por parte do Governo, por outro, a redução dos valores dos contratos. A capital angolana tinha 46 empresas contratadas para recolha dos resíduos, sem incluir a empresa pública ELISAL, 20 micro-empresas e 26 classificadas de grande porte. Todas as desistentes são operadoras principais.

Até 2014, o Governo disponibilizava cerca de 20 milhões de dólares por mês para a recolha dos resíduos. Por causa da crise, o valor foi reduzido para cerca de 10 milhões de dólares/mês. Essa limitação orçamental levou a ELISAL a baixar o valor dos contratos com as operadoras, que vêm desistindo uma atrás da outra. Não foi possível apurar a quantia que cada empresa recebe do Estado, fontes explicam apenas ao VE que o pagamento é feito em função da dimensão de prestação de cada contratada, por quilo recolhido.

A Rangol, Ecoverde, Vista, MCenter e a Aquagest são as cinco grandes que resistem aos “maus ventos financeiros”. Actualmente, a recolha de lixo na província é feita pelas sobreviventes e pela ELISAL, que tinha apenas a tarefa de coordenar as contratadas. A actuação das pequenas empresas limita-se à recolha de resíduos nos subúrbios, onde as máquinas das grandes operadoras não podem entrar. As ‘micro’ não dispõem de maquinaria.

Luanda tem uma população na ordem dos 6,5 milhões de habitantes e estima-se que produz mais de dois milhões de toneladas de lixo por ano. Manter a cidade limpa é um dos principais “calcanhar de Aquil-

les” para o governo de Luanda. Já passaram diferentes governadores e vários modelos de recolha foram experimentados, mas os amontoados de lixo permanecem vitoriosos, provocando doenças.

## NEGÓCIO DE LIXO

Se para as autoridades políticas de Luanda, o aglomerado de lixo é uma dor-de-cabeça, para economistas e empresários, existem aí oportunidades de negócio. De acordo com

o economista Laércio Cândido, para que o lixo seja rentável e gerador de numerosos postos de trabalho em Angola é necessário que se fomenta o segmento da reciclagem. “Aí o lixo deixa de ser lixo e passa ser uma matéria-prima.” Laércio Cândido, que também é professor universitário, explica que, se houvesse reciclagem, “o Estado já nem gastaria tanto dinheiro na recolha dos resíduos, porque haveria peque-

nas empresas que viveriam da procura do lixo para fornecer a outras empresas recicladoras”. Para exemplificar, o entrevistado apontou a

Vidrul, empresa de produção de vidros, que faz reciclagem de garrafas de vidro, e revelou que uma empresa de reciclagem de sucatas



## ORÇAMENTO DISPONÍVEL PARA LIMPAR LUANDA

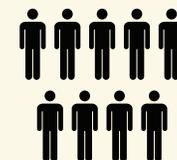
(repartidos para todas operadoras contratadas)

**10** MILHÕES  
DÓLARES/mês**120** MILHÕES  
DÓLARES/ano

## COBERTURA DE RECOLHA DE LIXO

Entre **40 e 50** %

## POPULAÇÃO

**6 500 000** HABITANTES

## NÚMERO DE OPERADORAS

**27** GRANDE PORTE**20** MICROS

## CUSTO DE AQUISIÇÃO DE UMA RECTROESCAVADORA

**200 a 260** MIL DÓLARES

## COMBUSTÍVEIS PARA OS MEIOS ROLANTES/por empresa

**10 a 20** MIL DÓLARES

## CUSTO DE AQUISIÇÃO DE UM CAMIÃO DE LIXO

**200 a 260** MIL DÓLARES  
(há empresas que possuem mais de 10)



A INDÚSTRIA DA HOTELARIA e turismo emprega 191 mil trabalhadores, segundo o novo ministro Paulino Baptista, que prevê que este número evolua com base no desafio das autoridades de estimular o turismo interno.



A 5ª. EDIÇÃO da Feira da Banana de Produção Nacional realiza-se de 26 a 29 de Maio, no mercado do Panguila, anunciou o vice-governador da província do Bengo para o sector económico, Domingos Guilherme.

# de limpar Luanda

de 10 milhões de dólares, mais de 70% das empresas de recolha de resíduos deixaram de varrer a capital.

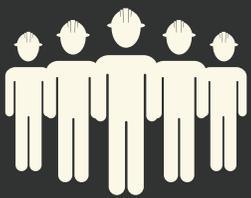
com a mesma lógica deverá abrir portas brevemente. “Se forem surgindo cada vez mais esse tipo de iniciativa, então o problema do lixo fica resolvido, como em outros países”, concluiu o economista. O governo provincial anunciou para breve a criação de uma taxa de recolha mediante a produção de lixo.



**1.000.000 a 1.800.000** kz, é o valor que uma operadora pode gastar por dia

## PESSOAL DAS OPERADORAS

**300 a 800** TRABALHADORES



## SALÁRIOS DO PESSOAL

**34 a 100** MIL KWANZAS

## PREÇO DE UM PNEU

**72** mil kwanzas (Um camião usa 10 pneus)



## EMPRESAS DE GRANDE PORTE DESISTENTES

**21**

## EMPRESAS DE GRANDE PORTE A OPERAR

**6**

## CAMPANHA

### Chineses contribuem com equipamento

As empresas chinesas envolvidas transitariamente na recolha de lixo em Luanda são vocacionadas para a construção civil e estão apenas a apoiar a campanha com diferentes equipamentos, como camiões-basculantes e máquinas retroescavadoras. “Os chineses não são os únicos a prestar esse tipo de apoio.” Segundo o porta-voz do governo de Luanda, Sebastião José, há também empresas angolanas de construção civil que estão a fornecer equipamentos para combater às lixeiras.

Depois de o ministro de Estado e chefe da Casa de Segurança do Presidente da República, Manuel Hélder Vieira Dias, ter anunciado, em Março, a entrada de empresas chinesas na recolha de lixo, correram informações de que seriam criadas novas operadoras chinesas vocacionadas para serviços de saneamento básico. Sebastião José esclareceu que o apoio destas empresas é temporário e que a limpeza ‘normal’ continua sob responsabilidade das operadoras do sector.

As Forças Armadas e a Polícia, por exemplo, explicou ainda o interlocutor, também estão envolvidas na campanha, mas contribuíram com homens, sendo que as empresas apoiam com as máquinas. Os envolvidos no programa de emergência trabalham apenas aos sábados, sendo as áreas de acção os pontos de maior concentração de lixo.

## Quiminha pode revitalizar moagens

A produção de milho, em escala industrial, em curso no Projecto de Desenvolvimento Agrícola da Quiminha, no município do Icolo e Bengo, está a ser vista como um importante complemento ao Programa das Grandes Moagens, no quadro da diversificação da economia do país.

Segundo a ministra da Indústria, Bernarda Gonçalves Martins, a produção de milho vai proporcionar matéria-prima para as moagens. No projecto estão instaladas 300 famílias em parcelas de um hectare, cada uma.”

Cada família vai receber uma residência, beneficiar de irrigação e parcelas de sequeiro. Numa primeira fase, está prevista uma produção de cerca de 40 mil toneladas. Para o fim da segunda fase prevê-se que se produzam cerca de 100 toneladas/ano. Além da parte agrícola, projecta-se a produção de 22 milhões de ovos.

## Cabinda com prioridades imediatas

O Plano de Desenvolvimento de Cabinda deve priorizar 32 projectos para execução imediata, dos quais se destacam os da energia, água e indústria, segundo uma recomendação saída da mais recente reunião das Comissões Económica e para Economia Real do Conselho de Ministros.

O plano, de acordo com a governadora Aldina da Lomba Catembo, terá o suporte das linhas de crédito da China e de outras fontes identificadas, mas não reveladas pela governante, para que os mesmos sejam concluídos entre 2017 e 2020.

# Mercado & Finanças

EUA NÃO QUEREM TRANSFERÊNCIAS DE ANGOLA

## Bancos angolanos ‘impedidos’ de movimentar dólares para o exterior

**TRANSFERÊNCIAS.** Por falta de correspondentes bancários americanos, Angola só pode efetuar transferências de dólares via Europa. Esta última porta também está a fechar-se.



Por Cândido Mendes

### MEMORIZE

● O Standard Chartered foi o último a “fechar tudo”, no ano passado, seguindo as pegadas do Citi Bank e do HBSC que deixaram Luanda muitos anos antes.

Um a um, os poucos bancos ocidentais que ofereciam serviços de correspondentes para pagamentos em dólares foram-se retirando do país, após serem notificados por reguladores internacionais sobre riscos associados a questões de ‘compliance’.

O Standard Chartered foi o último a “fechar tudo”, no ano passado, seguindo as pegadas do Citi Bank e do HBSC que deixaram Luanda muitos anos antes.

“O Standard Chartered tem capital empatado no país, porque não consegue tirá-lo. Neste momento, fechou todas as contas dos bancos comerciais e mantém aberta apenas a do BNA”, revela um alto funcionário de um escritório de representação de um banco internacional que, de seguida, explica os contornos do processo. “As divisas movimentam-se através de bancos correspondentes e o problema des-

tes é que o regulador responsabiliza os intermediários pelas operações dos seus clientes, ou seja, os bancos têm de ‘conhecer os seus clientes’, procedimento que se designa por ‘know your customer’ em inglês.” Segundo detalha, mesmo com os filtros electrónicos, “é impossível o banco internacional responsabilizar-se por todas as operações vindas de qualquer parte do mundo e confirmar que esta ou aquela transação que ajudou a operacionalizar não tem nenhum vínculo com branqueamento de capitais ou financiamento ao terrorismo”. A alternativa, neste caso, passa por perguntar aos bancos que operam como correspondentes detalhes da operação e de quem a realiza, processo que acarreta custos e riscos

elevados e que, por isso, os bancos preferem declinar.

Como consequência imediata, os operadores nacionais ficaram impossibilitados de movimentar divisas directamente com os Estados Unidos, passando a fazê-lo através de correspondentes europeus, muitos dos quais, na realidade, filiais de bancos angolanos, como o BIC Portugal, o BAI Europa ou o Atlântico Europa.

Bancos portugueses com ligações a Angola, como o BPI, também engrossam a lista das alternativas. “Mas sempre que esses agentes pretendem transacionar em dólar têm de fazê-lo inevitavelmente por meio de um banco de Nova Iorque”, explica outra fonte, também alto funcionário de um banco internacional no país. E por conta disso, revela, os bancos norte-americanos começaram já, há algum tempo, a notificar os bancos portugueses e sul-africanos de que não querem mais operações de origem angolana. “Eles (bancos norte-americanos) dizem: nós continuamos a ser correspondentes vossos em dólares, mas não queremos operações de origem angolana”.

### “DE-RISKING”

Em 2014, os bancos internacionais apanharam um susto, com a imposição da pesadíssima multa de nove mil milhões USD ao BNP Paribas por ajudar a violar sanções financeiras impostas a Cuba, Sudão e Irão. Anos antes, o HSBC foi multado ‘apenas’ em 1,9 mil milhões de dólares por reguladores norte-americanos numa investigação de lavagem de dinheiro. Há alguns em vigor nos Estados Unidos, o de-risking – sistema que consiste na eliminação de todo o risco, já que não é possível conhecer todo o cliente – está agora a ser adop-

9

Mil milhões USD de multa ao BNP Paribas por ajudar a violar sanções financeiras.

1,9

Mil milhões de dólares pagou o HSBC, o maior banco da Europa, para encerrar a acusação de branqueamento de capitais.

tado na Europa, para impedir essas situações. “Os bancos internacionais passaram a fazer contas e concluem que os lucros nos negócios com Angola não compensam os riscos”, analisa a fonte do VE.

### GAFI

Até há pouco tempo, as questões de ‘compliance’ “não eram levadas a sério no país, sendo vistas apenas como custos”, segundo uma das fontes do VE. “Com a publicação da lista cinzenta do GAFI, passa a ser urgente a implementação da legislação adoptada”, alerta, destacando a necessidade do foco do banco central no tema. “A Nigéria, por exemplo, tem comité de ‘compliance’, realiza workshops, convida bancos estrangeiros para divulgar o que faz fazer, têm assistência técnica do FED, do Treasury, e têm a vantagem da língua”, enumera, comparando. “Já Angola está muito focada no mundo lusófono, sem se pôr a par do que se passa no mundo anglo-saxónico”.



**O BANCO SOL E A MASTERCARD** – empresa mundial gestora de cartões electrónicos – assinaram um acordo para o lançamento de novos serviços de transacções internacionais online e através de terminais de pagamentos electrónicos.



**A VENDA DE DIVISAS** semanais pelo Banco Nacional de Angola (BNA) à banca comercial caiu 27%, para 110 milhões de euros, transacções que, há seis semanas, são feitas exclusivamente com moeda europeia, revelam números do banco central.



Mário Mijetes © AE

## GARANTIA SOBERANA PARA BANCO PÚBLICO

# Estado cobre reestruturação do BPC com 325 milhões USD

**FINANCIAMENTO.** A operação visa restituir compromissos essenciais do banco público que incluem a reposição do crédito à economia.

Por Nelson Rodrigues

O Estado vai emitir uma garantia soberana avaliada em 325 milhões de dólares para cobrir um empréstimo em igual valor que o Banco de Poupança e Crédito (BPC) recebeu, no ano passado, do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD).

O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, deu aval ao ministro das Finanças, Armando Manuel, para, em nome do Estado, emitir a garantia soberana e assinar os termos do acordo, segundo o despacho presidencial nº 23/16, de 25 Fevereiro.

O desembolso do BAD ao BPC foi anunciado em Outubro de 2015, período em que os acionistas do BPC – Estado, Caixa de Segurança Social das Forças Armadas e o Instituto Nacional de Segurança Social – admitem falta de liquidez no banco. A

situação deu lugar ao cancelamento de vários serviços, incluindo o crédito a particulares e a empresas.

Perante a situação, o Governo decidiu reforçar o capital social do BPC para 700 milhões de dólares, dos quais 270 milhões já foram transferidos por via de títulos do Tesouro, com vista a dar liquidez ao banco com maior carteira de cliente do sistema bancário angolano.

Para o BAD, o valor total do financiamento pode estender-se aos 800 milhões de dólares e tem o objectivo de ajudar o banco a dar respostas ao seu programa de desenvolvimento, que prevê o alargamento das disponibilidades para créditos e o financiamento da reestruturação de serviços.

“Com o empréstimo [de 800 milhões USD], o Banco de Poupança e Crédito pode ajudar até 94% das empresas médias e algumas grandes empresas que trabalham nos sectores prioritários como a água, a agricultura e a indústria”, considerou Stefan Nalletamby, director do departamento de Desenvolvimento do BDA, em Outubro do ano passado.

## AJUDA NA GESTÃO DE RISCOS

Ao financiamento o BAD incluiu um programa de assistência técnica na instauração de um Sistema de Gestão Ambiental e Social (SGES), além da aplicação do sistema de gestão de riscos. O direccionamento dos recursos do BAD ao BPC foram justificados com o facto de a instituição dirigida por Paixão Júnior figurar entre “os cinco primeiros bancos na categoria de mercado de empréstimos e terceiro no plano de activos”, segundo uma nota das Finanças, de Outubro de 2015.

O BAD considera que o sector bancário angolano “conheceu um crescimento expressivo, após uma década de expansão económica que favoreceu a emergência de novos empresários e pequenas e médias empresas (PME) nos sectores não petrolíferos”, segundo o seu alto funcionário Stefan Nalletamby. Criado em 1964, o Banco Africano de Desenvolvimento é um banco multinacional de desenvolvimento, do qual são membros 53 países africanos. Desde 1983, Angola já beneficiou de um montante acumulado de 497 milhões de dólares.

## MAUS SERVIÇOS NA BANCA

# 5485 reclamações por mês

Por Nelson Rodrigues

A média de reclamações mensais de clientes sobre os serviços prestados pelos bancos comerciais angolanos aumentou 21,17%, ao sair de 452 queixas, em 2013, para 5485 até Dezembro de 2014, revela o último relatório e contas do sector bancário, elaborado pelo Banco Nacional de Angola (BNA).

As queixas vêm de todos os bancos comerciais com actividade desde 2014 e chegaram ao BNA através de denúncias de clientes e por via das ‘rondas’ periódicas efectuadas pelo seu Departamento de Supervisão Comportamental à banca.

Da lista de reclamações, sobressaem as queixas do atendimento ao cliente, com 1605 registos, e o serviço internet banking, com 655, que, no conjunto, respondem por 47,77% das reclamações totais registadas entre Janeiro e Dezembro de 2014.

A concessão de empréstimos e os cartões de pagamentos electrónicos ocupam a terceira e quarta posições da lista de denúncias apresentadas pelos clientes, com 512 registos e 1495 registos, respectivamente.

Segue-se o uso das caixas de pagamento automático (ATM, na sigla em inglês), com 356 registos, que foram concebidas como alternativas às operações no balcão, mas

que não escaparam às críticas dos clientes. No caso deste serviço a insatisfação está relacionada com “erros nos pagamentos e transferências”, e outras operações com números.

As reclamações são provenientes maioritariamente de entidades singulares, tendo sido registadas 1.091 queixas de entidades colectivas, no mesmo período.

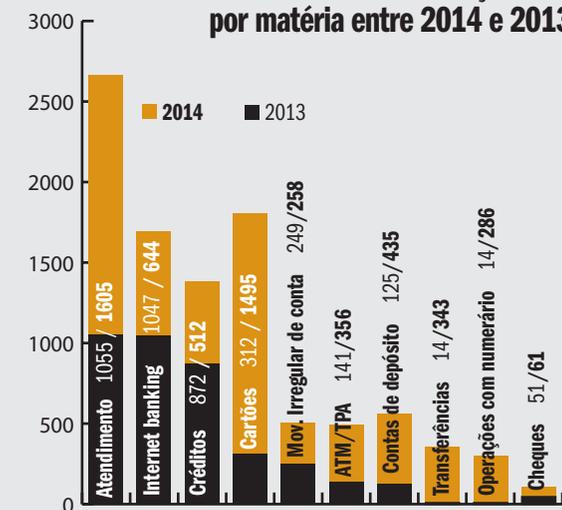
De acordo com o BNA, o Banco de Negócios Internacional (BNI) e o de Poupança e Crédito (BPC) foram as instituições em que mais queixas se registaram. Os dois bancos registaram aumento de oito pontos percentuais (pp) nos níveis de reclamações, comparativamente a 2013.

Em sentido contrário, estiveram o Banco Angolano de Investimento (BAI) e o Standard Bank Angola (SBA), que viram os níveis de reclamações baixarem 16 pp e quatro pp, respectivamente.

## DENÚNCIAS DE FRAUDE

Das queixas recebidas pelo banco central, foram registadas um total de 11 processos de reclamações por fraude com origens em movimentos irregular de contas, ocorridas por meio de operações de levantamento de numerário, cheques, assim como por cartões de pagamento, “verificadas por falhas nos controlos internos das instituições financeiras, em desobediência ao instituído no aviso nº 02/2013, de 19 de Abril”.

Número de reclamações por matéria entre 2014 e 2013



# Mercado & Finanças

PARA COBRIR DESPESAS DE INVESTIMENTO PÚBLICO

## Caixa Totta financia Governo com 16 mil milhões de kwanzas

**EMPRÉSTIMO.** O financiamento vai cobrir parte dos projectos de investimentos públicos que ficaram adiados e cativados.

Por Nelson Rodrigues

Um acordo de financiamento bancário no valor de 16 mil milhões de kwanzas foi assinado entre o Governo e o banco Caixa Totta (BCGA). A solicitação foi autorizada pelo Presidente da República e já teve luz verde da instituição bancária, de acordo com o des-

pacho presidencial nº 28/16, a que o VALOR teve acesso. O empréstimo é justificado com a necessidade de “financiamento de vários projectos de investimento público”, que terão ficado pelo caminho, entre 2015 e princípios deste ano, pela redução das receitas com origem no petróleo.

O despacho, assinado por José Eduardo dos Santos e publicado na primeira série do Diário da República (DR), de 25 de Fevereiro, não explica as modalidades pelas quais se vai



Mário Mijettes © AE

guiar o contrato. Ou seja, não esclarece as áreas em que o financiamento vai ser aplicado, nem o tempo de reembolso do empréstimo. No entanto, o chefe do Executivo dá poderes ao ministro das Finanças, Armando Manuel, para avançar com a assinatura do contrato de abertura de linha de crédito e do resto da documentação relacionada, “com a faculdade de subdelegar”.

O banco, por sua vez, confirmou ao VE ter já disponibilizado o dinheiro ao Estado, recusando-se a avançar, no entanto, detalhes da operação, desde a aplicação do encaixe, prazos de retorno e modalidades de concessão. “Só podemos dizer aquilo que está no Diário da República. Não podemos estar a levantar detalhes da operação. É mesmo uma linha de crédito de 16 mil milhões kwanzas, que

foi disponibilizada ao Ministério das Finanças, para projectos de investimento público”, salientou Nuno Gomes, responsável de Marketing.

De acordo com o banco, não é a primeira vez que o Governo emite uma solicitação de empréstimo à instituição liderada por Fernando Marques Pereira, sendo esta última a “mais importante” das operações já realizadas. “Já foram disponibilizados alguns montantes. Não posso entrar em detalhes [sobre essa última operação], porque temos um acordo de confidencialidade”, referiu Nuno Gomes, em resposta a uma insistência sobre os termos do empréstimo ao Estado.

### DINHEIRO NA SAÚDE E EDUCAÇÃO

O despacho presidencial também não especifica as áreas em

que serão aplicados os 16 mil milhões de kwanzas disponibilizados pelo BCGA, apesar de o Governo ter já um plano de distribuição dos recursos de investimento.

Do lado dos empresários e economistas, as reacções não se fizeram esperar, sobretudo no que diz respeito ao destino que o Governo poderá dar ao envelope financeiro obtido do banco de Fernando Pereira.

Para o economista Rui Maquias, o empréstimo pode servir para cobrir as necessidades prioritárias, desde saúde à educação, a olhar pelo plano do Executivo de José Eduardo face à crise.

“O valor poderá para cobrir alguma parte das despesas de investimento, eventualmente por falta das receitas que não estão a entrar [no Tesouro]. Pode cobrir investimentos na saúde e educação. Mão não é para pagar salários”, refere o economista.

Também o banqueiro Filipe Lemos aponta a saúde como uma das áreas de absorção do encaixe. “Deviam estar, neste despacho, as áreas de aplicação dos recursos, mas acredito que a saúde possa estar entre as prioridades”, comenta.

O jornal contactou o MIN-FIN para explicar o destino do empréstimo solicitado ao BCGA, mas, até ao fecho desta edição, não obteve respostas.

INCLUSÃO FINANCEIRA

## ‘Bankita’ abrange mais de 360 mil pessoas

Por José Zangui

Muitas pessoas de baixa renda conseguiram abrir as suas contas com apenas 100 kwanzas, numa campanha de inclusão financeira denominada “Bankita” lançada

em 2011. No total, 361.464 no âmbito do programa procederam à abertura de conta entre 2011 e 2015.

O Depósito “Bankita” é um serviço que permite a abertura de conta com o montante mínimo de 100 kwanzas e máximo de 100.000 kwanzas, contra os 20 mil kwanzas que normalmente os bancos exigem, sem a obrigatoriedade de apresentar o bilhete de identidade.

O produto resulta de um acordo entre o Banco Nacional de Angola

(BNA) e alguns bancos comerciais que estão a levar a cabo a campanha de inclusão financeira e de aumento da taxa de bancarização.

Inicialmente, nove bancos comerciais aderiram, nomeadamente o BPC, o BCI, o BCA, o BFA, o Banco BIC, o Banco KEVE, o BNI, o Banco SOL e o Banco BAI Microfinanças. Mais tarde, em 2013 juntou-se o BANC, perfazendo um total de 10 bancos. A campanha “conta bankita” permitiu elevar a taxa de bancarização de 41,

67% em 2011 para 52,98% em 2015 da população adulta, de acordo com o BNA. De acordo com dados do censo, as mulheres, apesar de constituírem a maioria da população angolana, 52%, têm menor acesso aos serviços financeiros bancários, apenas 28,6% tem contas bancárias activas.

A campanha “bankita” continua, os bancos aderentes reservam uma área própria para atender as pessoas que queiram abrir esse tipo de conta destinado a pessoas de baixa renda.





# CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



## ✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



## ✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

- Blocos
- Abobadilhas
- Lancil
- Pavê
- Lajetas
- Manilhas
- Grelha de enrelvamento
- Tubos
- Cones
- Caixas de visita

## ✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS

- Vigotas
- Painel e Laje Alveolar
- Laje TT
- Ripas

## ✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



## ✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Estrada das Terras Verdes  
km 1 Caope Velha Funda - Cacuaco - Luanda  
Escritório: (+244) 928 981 644  
comercial@concerangola.co.ao | www.concerangola.co.ao

# Empresas & Negócios

POR ACUMULAÇÃO DE DÍVIDAS

## Gestão da cimenteira do Kwanza-Sul nas ‘mãos’ de estrangeiros

**CIMENTOS.** Os donos angolanos da fábrica do cimento Yetu arriscam-se a perder a propriedade se não regularizarem as dívidas com as prestadoras de serviços que operam na indústria. A gestão da cimenteira já está parcialmente alienada a dois grupos empresariais estrangeiros.

Por Nelson Rodrigues

**U** Duas empresas estrangeiras tomaram o controlo das operações da Fábrica de Cimento do Kwanza-Sul (FCKS), produtora do cimento ‘Yetu’. A dinamarquesa NLS e a indiana Eta Star assumiram a gestão operacional da cimenteira nacional como forma de pressionar os donos angolanos a pagarem as elevadas dívidas contraídas desde o ano passado, soube o VE de várias fontes da administração da fábrica.

Desde Maio do ano passado que os accionistas são pressionados a pagar as dívidas. De lá para cá, as operações da FCKS têm sido suportadas por fundos das empresas NLS – que controla a produção – e a Eta Star, que ajudou a montar os equipamentos da cimenteira, segundo um alto funcionário da fábrica.

Até Fevereiro de 2012, integravam o grupo de sócios da FCKS a advogada Sílvia Maria Rodrigues Coelho, com 69,5%, Neusa Tukayana Manguera Mouzinho Melão Dias, com 20%, e Cândido Manuel Cabaça, com 7%.

No colectivo de sócios estão ainda colocados João Marcos Sassa e Tambwe Mukaz, ambos com 2%

e 1,5%, respectivamente. Marcos Sassa, também conhecido por ‘General Sassa’, chegou mesmo a presidir o Conselho de Administração, segundo investigações não desmentidas do jornalista Rafael Marques, datadas de Setembro de 2015.

Ao que o VE apurou, a fábrica comprometeu-se a pagar, mensalmente, dois milhões de dólares à administração da NLS para manter a fábrica operacional. Até Maio de 2015, as dívidas atingiram 20 milhões de dólares, o que mobilizou a operadora dinamarquesa a emitir uma carta de paralisação das actividades.

“As dívidas foram tão elevadas que NLS se viu obrigada a avisar os donos que deviam ter parado as actividades se não tinham capacidade de regularizar a situação. Foi isso que aconteceu em Julho de 2015”, conta uma fonte da empresa.

As operações na fábrica paralisaram em Julho de 2015 e assim permaneceram até princípios de Dezembro do mesmo ano, dando lugar a uma sequência de necessidades de redução de custos com o transporte e comercialização do cimento produzido e despedimentos.

A NLS e a Eta Star não foram as únicas a protestar contra os atrasos nos pagamentos. A Mota Engil engrossa a lista de prejudicados. Na fábrica, a companhia portuguesa tinha a função de extrair a matéria-prima utilizada no fabrico de cimento.

20

Valor da dívida da fábrica de cimento Yetu, até Maio de 2015

40%

Dos trabalhadores foram despedidos

### MEMORIZE

● **Fundada** a 25 de Abril de 2013, a Fábrica de Cimento do Kwanza-Sul foi criada com o propósito de reduzir os níveis de importação de cimento no país. Foi erguida, paralelamente à sua estrutura, uma indústria de sacos com a capacidade máxima de produzir cerca de 250 unidades por minuto e 11 mil sacos por hora.

As agruras da cimenteira do Kwanza-Sul são explicadas por diferentes fontes com “a gestão danosa e desentendimentos constantes entre os sócios” apesar dos apoios do Estado que recebeu.



Produção do Cimento Yetu, Kwanza-Sul

### MOTA ENGIL ABANDONA

Com o acumular das dívidas e o amontoar das despesas, a construtora portuguesa retirou o seu pessoal das instalações da FCKS. “Tinha ‘ameaçado’ também a remoção das suas máquinas e equipamentos colocados na fábrica. Mas o plano foi imediatamente abortado por intervenção de forças armadas destacadas no terreno para o asseguramento da indústria”. Os ditos equipamentos encontrar-se-ão cativos até agora na cimenteira do Kwanza-Sul”, conta outra fonte próxima da administração.

Perante a situação, os sócios foram obrigados a subcontratar outras construtoras para manutenção de níveis mínimos de produção. É o caso da Egivias e da Calomane, que substituíram a Mota Engil na extracção de britas e demais substâncias usadas no fabrico do cimento.

Por falta de disponibilidade financeira, as duas empresas são pagas, pelos trabalhos realizados, com sacos de cimento ao preço oficial da fábrica e com base num acordo previamente discutido entre as administrações das empresas. O VE tentou vários contactos com a administração da fábrica e com o ex-presidente do conselho de administração, ‘General Sassa’, entre cartas e telefonemas, mas até ao fecho desta edição, não obteve respostas.

### DESPEDIMENTO EM MASSA

Com a paralisação de várias unidades de produção, cerca de 40% dos trabalhadores da FCKS foram dispensados. Os que restaram “não têm trabalho para fazer, a julgar pela redução das operações, que terá afectado vários clientes da fábrica.

Uma reportagem do VE às instalações da fábrica em Dezembro de 2015 confirmou essa redução. Segundo um administrador de uma empresa cliente da FCKS, a frequência de camiões carregadores de cimento decaiu substancialmente. “Era comum estarem aqui colunas ‘infundáveis’ de camiões à espera do carregamento. Agora que há redução da produção e encarecimento do cimento, as coisas mudaram”.

### FÁBRICA ‘DESPACHA’ FROTAS

Por pressão da situação, e pela necessidade de obter liquidez para pagar operações do dia-a-dia, a fábrica decidiu vender parte da frota de camiões que tinha adquirido ao abrigo de uma linha de crédito, segundo conseguiu apurar o VE. “A fábrica foi obrigada a vender parte da frota de camiões comprados a crédito. A outra consequência foi o aumento do preço do cimento dado o acumular de dívidas da fábrica e o encarecimento do combustível”, explicou a fonte.



A SOCIEDADE MINEIRA do Tchegi (SMT), na Lunda-Norte, prevê produzir 250 mil quilates de diamantes em três anos, a partir deste mês, em 600 quilómetros quadrados, anunciou Francisco Sebastião, do consórcio de cinco empresas nacionais.



A TAAG ANUNCIOU o lançamento de uma campanha de ofertas e promoções a partir de 100 mil kwanzas, na rota Luanda-Lisboa-Luanda, em classe económica, e ainda Luanda-Cuba a partir de 189.152 kwanzas também ida e volta.

Pierre Castel vem a Angola negociar com o Governo



COM O FOCO NA REDUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES

# Grupo Castel investe na produção de milho

**INVESTIMENTO.** O projecto de produção de milho deve ser submetido à apreciação do Governo, em breve. Iniciativa deve trazer a Angola o patrão do grupo francês, Pierre Castel.

Por Valdimiro Dias

O grupo Castel prevê investir “dezenas de milhões de dólares” na produção de milho, com vista à redução dos custos de importação e contrariar a exposição à crise cambial.

A revelação, em exclusivo ao VALOR, é do administrador-delegado da empresa, Philippe Frederic, que admite apresentar o projecto ao Governo “brevemente”, uma empreitada que deve trazer ao país o patrão do grupo, o empresário francês Pierre Castel.

O milho é a matéria-prima essencial na produção da cerveja e Philippe Frederic, que não especificou o montante do investimento,

avança que os equipamentos e os locais para a implementação do projecto já estão identificados. “Na produção da cerveja, usamos o milho grits que geralmente é degerminado, por isso estamos a edificar uma fazenda, ou seja, é preciso uma unidade industrial”, explicou o administrador-delegado que admite também recorrer ao mercado interno para a compra da matéria-prima, “dependendo da qualidade e do preço”. A unidade industrial vai ocupar “milhares de hectares” e a perspectiva dos investidores é desenvolvê-la “rapidamente” para depois começar a produzir resultados.

## PRODUTORES CONTESTAM IMPOSTO

O aumento do imposto de consumo nas bebidas é encarado “com preocupação” pela Associação das Empresas Produtoras de Bebidas que vê “impacto negativo” no sector, segundo o responsável do grupo Castel em Angola.

Se na cerveja, o imposto pas-

sou de 20 para 60%, nos refrigerantes, a alteração foi de 10 para 30%, mexidas consideradas “excessivas”, especialmente pelo cenário de crise que trouxe dificuldades no acesso a divisas e “provocou reduções significativas” no volume de produção de bebidas. No caso do grupo Castel, a produção anual agregada recuou dos 10 milhões de hectolitros para os seis milhões de hectolitros e Philippe Frederic avança que o Governo recebeu uma proposta dos produtores para a revisão do imposto de consumo, baixando o da cereja para os 30% e dos refrigerantes para os 20%.

Os vários impactos negativos combinados já atingiram os postos de trabalho no grupo e pelo menos três das 13 unidades do conglomerado levam a cabo um plano de despedimentos voluntários ao qual já aderiu mais de uma centena de trabalhadores, num universo de mais de seis mil. Para breve está marcada a apresentação de novos rótulos das diferentes marcas que o grupo controla.

EMPRESA PRODUZ MOBILIÁRIO

# Habitec vai exportar para a RDC e Zâmbia

Por Isabel Dinis

Com a sua unidade central de produção no Huambo e uma facturação acima dos dois milhões de dólares, a Habitec, empresa virada para a construção e montagem de móveis, já prevê exportar para os mercados vizinhos, nomeadamente a Zâmbia e a República Democrática do Congo.

Felisberto Capanda, director executivo da Habitec, avança ao VALOR que a empresa está a construir novas infraestruturas no Huambo e em Malanje para reforçar a capacidade de produção de mobiliário escolar, portas, janelas, mesas e cadeiras.

O Ministério da Educação foi, até finais de 2014, o principal cliente da Habitec, mas, desde o ano passado, a empresa resolveu “alargar os horizontes” para o privado e para pessoas individuais, passando de cinco para mais de 300 clientes.

Felisberto Capanda afirma que a empresa vive em contraciclo, já que o período de crise foi precisamente o momento em que o negócio despontou e as vendas aumentaram. “Não havia importação e então mostrámo-nos como solução. Somos a prova de rentabilização em crise”, declarou.

## “UMA ÁRVORE, UM MÓVEL”

A Habitec usa, como principal matéria-prima, a madeira proveniente do

eucalipto. Com base “num compromisso de sustentabilidade ambiental”, a empresa, por cada abate de árvore usada nos seus móveis, planta outra.

Para dar vida à política de reflorestação, a companhia financiou e deu formação a pequenos grupos de fornecedores no Huambo. “Não vamos à floresta abater árvores, mas compramos de fornecedores, que são treinados para que nos abasteçam com madeira de qualidade. Para aqueles que não têm condições e capacidade própria, a empresa criou viveiros na zona do Cuando e fornece a planta.” Desde a sua entrada no mercado, a Habitec já proporcionou mais de 120 empregos directos e 500 indirectos. 20% são antigos desmobilizados de guerra, com incapacidade físicas, seleccionados através da direcção dos antigos Combatentes no Huambo e 30% é composto de mulheres, num compromisso da direcção de reintegração.

## EM CONCURSO

O foco na reintegração de comunidades levou a ‘start-up’ a representar Angola no concurso ‘The Venture’ promovido pela marca Chivas. A empresa está na competição com 26 outros empreendimentos sociais, na disputa por um fundo de um milhão de dólares.

O concurso de empreendedorismo global tem como objectivo descobrir e recompensar os mais promissores empreendedores sociais do mundo. A final realiza-se em Julho, na cidade de Nova Iorque, nos EUA.



Felisberto Capanda, director executivo da Habitec.

# Empresas e Negócios

POR DESPACHO PRESIDENCIAL

## ENSA lidera co-seguros na indústria petrolífera

**RESTRUTURAÇÃO.** Empresa de seguros foi indicada, por despacho presidencial, para assumir um papel que antes era desenvolvido pela seguradora AAA.

Por Valdimiro Dias

**A** Ensa Seguros de Angola assume, transitoriamente, a posição de líder do regime especial de co-seguro para as actividades petrolíferas no mercado

nacional, segundo um despacho presidencial datado de 31 de Março, que sublinha “a importância estratégica desta actividade para a economia nacional”.

A Ensa vai partilhar os riscos com as demais seguradoras que operam no mercado, tendo em conta a especificidade da actividade petrolífera, e “assim, em caso de acidente, a seguradora nacional deverá assumir o maior desem-



bolso financeiro e receber a maior percentagem do valor do prémio”, disse ao VE uma fonte conhecedora do processo.

O despacho presidencial não reflecte os moldes em que a partilha de prémios deverá ocorrer, mas, segundo a mesma fonte, “este é um

aspecto do processo que deverá ser equacionado pela Agência de Regulação e Supervisão de Seguros (ARSEG) ou definido por um outro decreto presidencial”.

Os seguros pessoais e patrimoniais das empresas do sector petrolífero não fazem parte do objecto do regime especial de co-seguros para este mercado, e esclarece o decreto n.º 39/16 que “as actividades petrolíferas não integram este regime especial, devendo para tal ser comercializados de acordo com o regime especial de livre concorrência”. Enquanto durar o processo de transição da liderança para a Ensa, “deverá ser salvaguardada a continuidade das apólices em vigor, bem como dos acordos de resseguros em vigor à data de entrada do referido despacho”, explana o documento, reforçando que “a cessação de liderança da Ensa se efectiva com a consequente transmissão pela cedente de todos activos que servem de garantias para o cumprimento das obrigações”.

O despacho presidencial orienta a que a ARSEG, no exercício das suas competências, “adopte as medidas regulamentares e operacionais necessárias para a materialização do disposto no despacho”.

Além disso, o despacho sugere que a ARSEG apresente, num prazo de seis meses, ao titular das Finanças, estudos sobre novos modelos de co-seguro e resseguros das actividades petrolíferas que se realizam em território nacional.

EMPRESA VENDEDORA DE TELEMÓVEIS FECHA PORTAS

## Crise cambial derruba mais uma empresa

**FALÊNCIA.** As sucessivas variações cambiais e dificuldades de importar produtos conduziram à falência de uma das maiores revendedoras de telefones móveis.

Por Valdimiro Dias

A empresa Motophone- Distribuição de Telemóveis e Acessórios, limitada uma das maiores fornecedoras do mercado nacional, encerra as actividades

comerciais até final de Abril por inviabilidade financeira, ligada à actual conjuntura de crise económica.

“Não foi possível a geração de lucro, devido às sucessivas variações cambiais e dificuldades de importar produtos, não obstante

as vendas e reajustes de preços”, explica o comunicado de encerramento enviado a clientes e fornecedores pela directora comercial, Carolina Nogueira.

Contactado, Lucas Domingos, um antigo funcionário, disse que a empresa se mantém em funções até ao final de Abril, lembrando que os trabalhadores foram notificados pela direcção no princípio de Março, ficando decidido, na altura, a baixa do preço dos produtos em loja com o fim de escoar o stock existente. A empresa tem aproximadamente

50 colaboradores, que, de segundo ainda com funcionário da Motophone, “serão indemnizados de acordo com a lei vigente”, promete a direcção da empresa.

“O negócio é rentável, mas, por falta de divisa no país, nós, que vendemos os nossos produtos em kwanzas mas compramos em dólares, não conseguimos trazer produtos porque o mercado não nos oferece dólares”, explica Lucas Domingos. “É um momento difícil para os trabalhadores, que só resta aceitar.” A Motophone é uma empresa afiliada

do grupo LR, por sua vez detido por empresários israelitas em parceria com alguns angolanos. Conta com um portfólio de mais de 80 modelos de telemóveis, sendo que a Samsung tem maior representação com cerca de 30 modelos. A empresa conta também com marcas como a Haier, a Sony, LG, Blackberry e Alcatel e tem cadastrados cerca de 300 agentes revendedores espalhados pelo país. Luanda conserva a condição de mercado de maior consumo, seguido de Benguela, Huambo e Huíla.

VIVA AS NOVIDADES  
DO SEU CANAL!

zäp vivo

CANAL 4

VIVÀ  
TARDE

Os temas mais actuais  
e importantes, todos os  
dias em directo.

SEGUNDA A SEXTA 17:00



Os apanhados e os vídeos  
mais engraçados para  
fazer rir!

SEGUNDA A SEXTA 19:00



Os artistas com mais swagg,  
os novos talentos e as músicas  
do momento.

SÁBADO 13:45



As notícias mais quentes  
do universo dos famosos,  
todos os dias.

SEGUNDA A SEXTA 19:30

ZAP  
NEWS



LIGUE  
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao

Todos os dias, incluindo feriados,  
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em [www.zap.co.ao](http://www.zap.co.ao) e siga-nos



# Entrevista

MIGUEL FERNANDO, ESPECIALISTA EM GESTÃO TURÍSTICA

## “O Estado deve marcar mais presença no turismo”

Especialista na área do turismo defende uma maior intervenção do Estado para a alavancagem do sector e sugere a criação de um modelo turístico próprio associado a um ambicioso programa de formação, dirigido aos quadros do mercado, para a atracção de mais investimentos.

Por António Nogueira

**P**ublicou recentemente um livro sobre o turismo em Angola. Em termos concreto, quais são as abordagens que a obra traz sobre o sector?

O meu livro resulta de uma pesquisa científica. Tem uma abordagem didáctica. A obra apresenta as bases teóricas de implementação de um plano para o sector do turismo em Angola. Apresenta algumas sugestões na produção da actividade do turismo, visando o desenvolvimento económico do país, apresentando como estudo o caso da península do Mussulo.

**- Como avalia o actual estágio do turismo no país?**

O turismo também pode ser encarado como uma ciência que deve ser aplicada no momento específico. No caso concreto de Angola, a minha opinião é que devemos ter um modelo turístico próprio. Só nosso. É preciso que tenhamos capacidade para avaliar em que áreas podemos aumentar todas as equações necessárias. Se na área dos recursos humanos, da tecnologia, dos produtos turísticos ou na área dos próprios consumidores, do ponto de vista do seu comportamento.

Mas, antes disso, é preciso que os quadros que actuam nessas áreas percebam esses fenómenos. O turismo não é homogéneo, algo que pode acontecer num determinado momento ou numa determinada área. Existe sempre heterogeneidade. Significa que nem sempre a oferta de ontem pode ser a oferta de amanhã, porque as exigências e as diferenças dos turistas

são componentes totalmente diferentes. É preciso perceber que o turista jovem não tem necessariamente o mesmo comportamento que o turista da terceira idade. O turista de negócio tem igualmente comportamento diferente em relação ao turista de lazer.

**Por que defende que o turismo deve ser encarado como ciência?**

É um sector que os angolanos ainda não perceberam perfeitamente em relação aos benefícios que pode gerar e quais as interligações simétricas que pode ter com outras ciências. A percepção que os angolanos têm em relação ao turismo é que se trata somente de um sector para as classes média e alta. Essa interpretação tem de ser invertida imediatamente para que todos os angolanos possam entender o que é realmente o sector do turismo.

**Quais são as grandes dificuldades que o sector vive na actualidade?**



Santos Samuessa © VE

Em 1992, criou-se, por decreto presidencial, o Ministério da Hotelaria e Turismo, com uma visão estratégica no futuro. Mas este objectivo nunca assumiu um papel relevante. Só a partir de 2002 é que se começaram a criar algumas infraestruturas que existem até hoje, mas o protagonismo desse sector ainda não correspondeu às expectativas

dos angolanos. E isso talvez ainda não tenha dado resultados porque o sector carece de quadros. Se repararmos, o país já formou inúmeros quadros em Marrocos, Portugal, Espanha, Itália, Áustria, Brasil, Estados Unidos, enfim, mas estes indivíduos hoje não desempenham essa função. Estão em outras áreas, por causa da valorização. Estas pessoas

“ Os principais emissores do turismo interno ainda não divulgam convenientemente a imagem de Angola no exterior ”

“ A percepção que os angolanos têm em relação ao turismo é que se trata somente de um sector para a classe média e alta. ”

abandonaram o sector porque nunca foram valorizadas.

#### Que balanço faz da actuação do Ministério da Hotelaria e Turismo desde que foi criado?

Reconheço que já foram dados alguns passos significativos para a reorganização institucional do sector. Em todas as províncias, temos organismos que representam o sector do turismo, na qual também se procede a avaliação continua dos estabelecimentos hoteleiros do ponto de vista da categoria que corresponde cada uma das unidades. É uma das áreas do turismo, a hotelaria. Mas volto a insistir na vertente da formação. Defendo que quem é formado numa área é aí onde deve desenvolver a sua função, de acordo as áreas: hotéis, turismo de safari, ecológico, enfim. Veja, por exemplo, o caso do Okavango Zambeze, um projecto importantíssimo. Na verdade, se aquilo se materializa, será um dos epicentros do turismo mundial. É ecológico e sustentável. Mas repare que os outros países envolvidos neste projecto, como por exemplo a África do Sul, colocaram aí técnicos altamente

qualificados em matéria de turismo e que fazem análises e publicam o trabalho. Em Angola, nem temos ainda trabalho algum publicado sobre a matéria.

#### Até que ponto a presença do Estado ainda é fundamental para alavancar o sector?

O Estado deve marcar mais presença. O turismo em Angola foi entregue ao sector privado. E o Estado ficou com o papel de controlar, fiscalizar, orientar, enfim e o resto ficou nas mãos dos privados. E isso provocou o pouco impacto que o turismo hoje representa no PIB. O sector privado também ainda não tem cultura empresarial. O empresário tem de ser agressivo. Qual é a mentalidade que tem o empresário angolano sobretudo neste sector? Ao investir no sector ele quer rendimentos imediatos. Ai está o problema. Um hotel de cinco estrelas, quando é construído, demora, pelo menos, 10 anos para se sentir o retorno do investimento. E isso estou a falar de países como Espanha e Portugal. Em Angola, esse processo deve demorar mais tempo.

#### - Quer dizer que defende a existência de parcerias público-privadas?

Exactamente. Se em países, como Portugal, o Estado ainda joga papel fundamental, o Estado deve ainda, nesse momento, viabilizar os procedimentos para dar autonomia e facilidade para que o sector tenha crédito junto dos investidores. Não ponham

O Estado deve ainda nesse momento viabilizar os procedimentos para dar autonomia e facilidade para que o sector tenha crédito junto dos investidores

tantos entraves. E o próprio cidadão angolano também deve ser mais envolvido no turismo, no sentido de se construir ou massificar áreas onde os custos possam ser mais acessíveis para todos. Eu pergunto: por que o Estado não se junta, por exemplo, à iniciativa privada para construir resorts, em todas as províncias, nos quais o mais pacato dos trabalhadores angolanos pode passar lá entre um ou dois dias, pagando apenas 20 mil kwanzas? Devemos incentivar primeiro o turismo internamente. Os resorts em Angola até são fáceis de construir e são baratos. Com 40 ou 50 mil dólares pode construir-se resorts. Temos matéria-prima para isso, como a madeira e o capim,

enfim. Neste momento, desconheço a existência de qualquer iniciativa privada que se tenha juntado ao Estado, mas, em minha opinião, deveria ser o próprio Estado a promover este tipo de iniciativas.

#### A atracção do investimento estrangeiro não significaria também uma mais-valia no sector?

Hoje, a imagem de Angola, como destino turístico, está ainda em estado de emergência. Os principais emissores do turismo interno ainda não divulgam convenientemente a imagem de Angola no exterior. Lá fora, o que se diz de Angola é que se trata ainda de um país em guerra, com doenças e crime. Existem algumas iniciativas, como a feira do turismo de Portugal, mas isso não é suficiente. Deveríamos ter também um centro de investigação científica que apresentasse trabalhos de Angola no estrangeiro. Repare, por exemplo, que só agora é que se abriu um instituto superior de gestão hoteleira, que faz parte da Universidade Agostinho Neto. Por outro lado, o espaço de Angola está fechado. Há muita restrição na cedência de vistos aos estrangeiros que pretendem entrar em Angola. Esse é um impasse enorme, que complica o investidor. Outra questão que não se percebe é que os poucos hotéis que temos não sabem vender o nosso produto turístico. E um dos melhores produtos turísticos que temos para vender é a imagem do presidente José

Eduardo dos Santos. E porquê? Se o Presidente recebe um visitante num hotel, o dono do hotel deveria espalhar essa informação. Isso seria uma forma de publicitar até o próprio hotel no país e no estrangeiro. São coisas pequenas mas que têm impacto. Por exemplo, o rei João Carlos I, de Espanha, todos os anos passa férias em Palmo de Maiorca. E quem vive em Palmo de Maiorca? São multimilionários, porque o rei vendeu a imagem de Espanha.

#### Que responsabilidades é que podem ser atribuídas ao sector privado e mesmo ao cidadão comum para que o sector se torne mais atractivo?

O angolano deve saber o valor do turismo interno. Mesmo que haja simetrias paralelas, é preciso dar a conhecer o produto que temos. Há tempos fiz um trabalho, na zona do Kinaxixi, em que perguntava às pessoas o que é o turismo? E ,como resposta, apontavam para os carros dessa cilindragem que passavam. Isso demonstra um desconhecimento total sobre o assunto. Mas, mesmo assim, os angolanos são carinhosos. E isso é um produto que devemos aproveitar. Temos de saber valorizar os recursos naturais que temos. Podemos promover o ecoturismo, o turismo safari. Temos de desminar terras e criar pessoas especializadas para preservar os parques naturais. A nossa cultura deve também entrar nessa lista. É preciso perceber que o turismo é um sector altamente rentável. A nível mundial é o segundo, depois da indústria do armamento, que mais contribui para o PIB. Espanha recebe do turismo 26%. Portugal 16%. França 42%. França recebe mais de 40 milhões de turistas anualmente, só na cidade de Paris.

#### O que poderá estar na base da alta dos preços verificados nalguns serviços que o sector oferece?

Este fenómeno está associado aos altos custos de produção que temos. Maior dos hotéis que temos no país, 99% foram construídos com matéria-prima importada. Muitas vezes, os serviços públicos existentes não correspondem com as necessidades internas do estabelecimento. Falo da energia e da água, cujo fornecimento falha constantemente. Tudo isso encarece os custos e, como consequência, se repercute no preço do produto final, destinado aos consumidores.

## PERFIL

Miguel Fernando é professor associado da faculdade de Economia da Universidade Agostinho Neto. É doutorado em ciências económicas e empresariais, no segmento dos estudos sobre economia do turismo, pela Universidade Complutense de Madrid, em Espanha.

É igualmente diplomado em estudos avançados na área dos fundamentos do crescimento económico e integração e desenvolvimento económico.

Miguel Fernando possui ainda um mestrado em gestão turística e direcção hoteleira, pela universidade politécnica de Madrid. Detém o grau académico (PhD) e licenciou-se igualmente em engenharia industrial, na Cuba. É autor de um livro, intitulado “O Turismo em Angola”, recentemente publicado no mercado.



Santos Samuessa © VE

# (In)formalizando

NEGÓCIO ERA MUITO MAIS RENTÁVEL HÁ 10 ANOS

## Venda de plantas no informal regista baixas

**COMÉRCIO.** A crise financeira que afecta a economia nacional está também a provocar baixas nas vendas de plantas no mercado informal. Além disso, há vendedores que se debatem ainda com a escassez de água para manter vivo o negócio.



Mário Miguel © VE

ganha semanal ou mensalmente nesta prática, lutando apenas para que o fogão em casa não se mantenha 24 horas apagado. A planta Bingo de Ouro, por exemplo, era vendida a 500 kwanzas, mas agora baixou para 200 kwanzas, mas mesmo assim há pouca procura. “Está muito duro. Estamos mal, muito mal mesmo. Não sei quando é que as coisas aqui podem melhorar”, lamenta Bernardo Cassumbi, 33 anos de idade.

Bernardo Cassumbi, que vende plantas no Talatona, na rua da Ponte Molhada, saiu do Huambo, onde deixou mulher e cinco filhos, em 2005, para se dedicar a este negócio. Tem um patrão e aufer mensalmente 20 mil kwanzas.

“Agora que ficamos duas a três semanas sem vender uma única planta, penso que o patrão passará a ter dificuldades em nos pagar os salários”, teme o vendedor para mais tarde auto encorajar-se, “normalmente, muito é do outro, o bocado é o teu. Por isso, bocado, bocado estamos indo”.

Na Ponte Molhada, onde há mais três vendedores na situação de Cassumbi, os preços das plantas variam entre três e sete mil kwanzas. Os precários, argumentaram os interlocutores, justificam-se pelo facto de aí só se venderem plantas já criadas. “Quando vendíamos pequenas plantas, os clientes reclamavam, porque, postas em casa, as plantas morriam. Então passamos a criar primeiro para depois vender”, explicou Bernardo Cassumbi.

A água para regar é captada com baldes na vala de drenagem que passa por debaixo da badalada Ponte Molhada. A captação era feita através de uma moto-bomba, mas a máquina foi roubada por desconhecidos.

Por António Miguel

A venda informal de plantas é uma prática que se proliferou, nas ruas de Luanda, nos últimos dez anos. Passado esse tempo, umas coloridas e outras produtoras de flores, as plantas não param de exibir a sua alegria, nas montras, à

espera de quem as queira comprar. Quem não tem grandes motivos para sorrir são os próprios vendedores, que, nos últimos dois anos, ressentem as baixas nas vendas desses vegetais, que não só servem para adornar as casas e escritórios, como contribuir para que o homem respire um ar puro.

Aqui, neste negócio informal, a culpa é também da ‘maldita’ crise financeira que afecta a economia doméstica, agravada pela queda do preço do petróleo. Desde que mui-

### MEMORIZE

● **Vendedores de plantas do Camama legalizaram a sua actividade na administração do município de Belas. Ainda assim, agentes da fiscalização municipal têm travado a venda, levando, à força, vasos de plantas. Os vendedores queixaram-se e lamentam ainda que a EPAL não ligue a água, apesar de já a terem pago há mais de um ano.**

tos angolanos passaram a fazer contêncões, os vendedores informais de plantas passaram a perder clientes e consequentemente a vender cada vez menos. No passado, os lucros facilitaram que muitos comprassem terrenos para construir casas e a outros que tratassem documentos que os possibilitou migrarem para outras ocupações no mercado de trabalho formal.

As circunstâncias mudaram e a coisa apertou. Há até quem prefira não mais fazer as contas do que



**PELO MENOS**, 55 mil toneladas de produtos agrícolas diversos foram produzidas, durante a campanha 2015/2016, por agricultores do Cuvango, na Huíla.



**O VICE-GOVERNADOR** da Huíla, Sérgio da Cunha Velho, defendeu a criação de fundo de financiamento direccionado para as mulheres que tenham iniciativas de pequenos negócios.



## ESCASSEZ DE ÁGUA

Já, no Camama, onde se vendem plantas até de 150 kwanzas, os vendedores, como se não bastasse a crise de clientes, enfrentam ainda o problema da escassez de água, contrariamente aos anteriores entrevistados que fazem o negócio bem ao pé da vala de drenagem que desagua no mar do Benfica.

Augusto Kiala, antigo funcionário de uma oficina de mecânica auto, que encerrou, no Morro Bento, por falta de clientes, sentiu nas plantas a vida para continuar a lutar para sustentar a si e a sua família. Criou aí o seu viveiro e gerou trabalho para mais duas pessoas.

Há seis anos, a vender plantas no Camama (defronte ao centro de produção da Televisão Pública de Angola), Augusto Kiala revelou que ele e os colegas de trabalho pagaram à empresa de distribuição de água (EPAL) para ter água canalizada. Mas, mais de um ano depois do pagamento, “a EPAL não honra o compromisso”. “Pagamos mais de cem mil kwanzas. Deram-nos o documento, mas, até agora, a EPAL não liga a água no nosso espaço. Só nos dizem que temos de esperar. Mas, as plantas precisam de ser regadas todos os dias”, lamentou.

Enquanto esperam pela água canalizada, a chuva é a solução, mas o ‘céu não abre as torneiras’ todos os dias. O último recurso são as motas de três rodas, também conhecidas por kupapatas, que transportam o precioso líquido do interior do bairro para o local de venda de plantas.

Por cada 20 litros de água, os motociclistas cobram entre 50 e 75 kwanzas. “Não podemos deixar as plantas morrer”, afirma Augusto Kiala, acrescentando que “é daqui que sai o nosso sustento”. Por dia,

# 10

Mil kwanzas é o valor que os vendedores do Camama podem facturar numa semana.

# 150

Kwanzas, preços cobrados por planta, em função da espécie e tamanho.

# 2

Semanas. No viveiro da Ponte Molhada pode ficar-se esse tempo sem vendas de plantas.

um daqueles vendedores pode gastar mais de mil kwanzas apenas para alimentar os vegetais.

“Há vezes que chegamos aqui com um único mil kwanzas. Não vendemos nada. Precisamos almoçar, mas somos obrigados a comprar água para as plantas com o mesmo mil kwanzas. Por isso, pedimos à

EPAL que nos faça a ligação”, suplica o entrevistado.

A maior parte deles não vive no bairro em que trabalha. Por dia, gastam entre 600 e 900 kwanzas, de táxi. O almoço fica-lhes a 700 kwanzas/dia. Em suas casas, ficam os filhos que também aguardam pelo pão.

A venda de plantas naquele terreno está licenciada pela administração do Camama. Segundo os entrevistados, apesar de disporem de documentação, no sábado, 2 de Abril, agentes da fiscalização daquela comuna surgiram no local e levaram compulsivamente 13 vasos de plantas que se encontravam na mostra para a comercialização.

Os lesados perderam assim 13 mil kwanzas, já que cada vaso estava no valor de mil kwanzas. “E no sábado, os fiscais não trabalham. Não sei como é que aqueles vieram aqui num sábado e levaram as nossas coisas, sem pedir documentos”, questiona-se Kiala.

Embora tenham licença, os vendedores estão conscientes de que, nos próximos tempos, deverão abandonar o local por estarem defronte a portaria de uma obra privada. O que ainda não conhecem é o local para onde deverão ser transferidos pela autoridade municipal. “Esperamos apenas que nos levem para um bom sítio, porque nós estamos aqui por falta de emprego”, desejou António Álvaro, de 24 anos, que se encontra aí há quatro anos.

## A HISTÓRIA DO SÉRGIO PLANTA

Na urbanização Nova Vida, o “monopólio do comércio das plantas” é dominado por António Sérgio, que preferiu não dar muitas satisfações sobre o seu negócio, limitando a dizer que sustenta a família com o que ganha da venda deste produto.

O interlocutor até já foi apelidado pelos amigos de Sérgio Planta. Vive com a mulher e tem três filhos. Reconheceu que a há baixa de clientela, mas não tem problemas de água, já que está a meio metro da central de tratamento e abastecimento da EPAL. Está há três anos nesta ocupação e os preços das suas plantas variam entre 500 e 50 mil kwanzas.

A maior parte dos nossos entrevistados compram as plantas em viveiros, situados em Viana, mais concretamente na Vila e no Kikuxi. Noutros casos, eles próprios fazem a criação das plantas.

## PROGRAMA DA FAO NA HUÍLA

### Famílias recebem apoio agrícola

Mais de 100 famílias camponesas, no Gambos, na Huíla, receberam mais de 20 mil estacas de mandioca. A oferta foi feita pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), numa parceria com a World Vision, uma organização não-governamental. Esta é a segunda entrega. Em 2014 haviam sido entregues cinco mil estacas assim como plantas de batata-doce. O coordena-

nador do Projecto Integrado Resiliência Angola e Namíbia da FAO, Matteo Tonini, explicou que o objectivo dessa distribuição se cinge no facto de serem culturas mais resistentes à seca, tendo em conta que, nos Gambos, se vive estiagens cíclicas há já alguns anos.

Matteo Tonini ressaltou que as comunidades têm vindo a trabalhar na agricultura, envolvendo famílias e possibilitando a produção de hortícolas, apesar da escassa chuva. O município tem uma população estimada em 76 mil habitantes.



## APOIO NO NAMIBE

### Ex-militares recebem formação

Cerca de 300 ex-militares filiados na Associação de Apoio aos Combatentes das Ex-FAPLAS (ASCOFA), no Namibe, recebem formação profissional. Foram inseridos 123 ex-militares nos cursos de construção civil, nas especialidades de serralharia, carpintaria, pedreira, eletricidade, mecânica, fabrico de blocos e recauchutagem.

Estão ainda inseridos no

mesmo projecto 124 elementos na agropecuária, tendo cada ex-militar recebido duas cabeças de gado. Com a tracção animal, vão poder também desenvolver a agricultura. Charruas, fertilizantes e sementes também foram entregues. No Tômbwa, foram beneficiados 40 ex-militares com oito embarcações equipadas para a pesca.

O projecto, financiado pelo Governo, está orçado em mais de um milhão de dólares. O Instituto tem cerca de três mil ex-militares em toda a província.

## DE JURE



Rui Manguera  
vai apresentar  
a obra

DIREITO COMERCIAL

## Sociedades comerciais em livro

Um novo livro da autoria do docente universitário Pedro José Filipe vai ser lançado a 13 deste mês no Auditório Maria Carmo Medina, da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto.

Intitulado 'Grupos de Sociedades à Luz da Realidade Jurídica Angolana', o livro vai ser apresentado pelo ministro da Justiça e dos Direitos Humanos, Rui Manguera.

Num resumo, a docente universitária Agbessi Cora de Almeida Neto refere que "o autor partilha com a comunidade académica, os resultados da pesquisa científica orientada, realizada no contexto de um programa de mestrado sobre um tema que, entre nós, ainda não mereceu a atenção da doutrina desde a entrada em vigor da lei 1/04 de 14 de Fevereiro – Lei das Sociedades Comerciais".

A especialista em Direito Comercial ressalta ainda que o livro "não se limita a facilitar o entendimento sobre modelos no direito comparado, tipologias de coligações, conceitos de controlo/domínio ou sobre perspectivas materiais e formais do fenómeno de controlo de corporações por corporações ou ainda sobre o domínio do órgão de administração da sociedade ao contrário da tradicional "soberania" da Assembleia Geral", sublinhando que o "rebento" vai muito além da simples perspectiva descritiva.

Segundo Agbessi Neto, o tema abre, pela primeira vez, um debate sobre grupos de sociedade "numa visão bastante abrangente".

DECRETO FOI PUBLICADO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA EM FEVEREIRO

# Parlamento aprova nova versão da Lei dos Contratos Públicos

**NOVA LEGISLAÇÃO.** Depois de ter sido apreciada no Conselho de Ministros, a proposta de Lei passou pelo crivo da Assembleia Nacional, tendo sido aprovada na especialidade. O novo diploma defende a racionalização, a redução e o controlo dos gastos públicos.

Por António Nogueira

A proposta de Lei dos Contratos Públicos foi aprovada na especialidade, numa sessão em que foram aceites os restantes 150 artigos em falta, de um total de 416 que a compõem. A aprovação foi precedida de acesas discussões, nomeadamente nas comissões dos assuntos constitucionais e jurídicos, e dos assuntos económicos e financeiros.

Para a materialização do processo, o documento depende ainda da aprovação de um relatório parecer conjunto das comissões de especialidades, para posterior aceitação final em plenária na Assembleia Nacional, o que, segundo se perspectiva, deverá ocorrer ao longo do corrente mês.

A nova Lei tem como escopo a modernização e simplificação dos procedimentos de contratação pública, destacando-se, como novidade, a consagração expressa do procedimento de contratação simplificada aplicável à celebração de contratos de valor reduzido, bem como às situações materiais que justificam a adopção de um procedimento não concorrencial.

"A proposta vem eliminar a fase



Novo diploma vai voltar ao plenário da AN para a aprovação final

de qualificação do concurso público, clarificando a diferença entre este procedimento e o concurso limitado por prévia qualificação, assim como a eliminação do procedimento de negociação, consagrando, simultaneamente, a faculdade de a entidade pública contratante enxertar em qualquer procedimento de contratação pública uma fase de nego-

# 416

Total de artigos que compõem a proposta de Lei.

### MEMORIZE

- A proposta vem eliminar a fase de qualificação do concurso público, clarificando a diferença entre este procedimento e o concurso limitado por prévia qualificação.

ciação das propostas", indica uma nota produzida pelo legislador.

O documento salienta ainda que o novo instrumento legal vem igualmente eliminar o procedimento especial denominado "sistemas de aquisição dinâmica electrónica", tendo em conta que a prática nacional e internacional revelou a sua quase nula utilidade.

Finalmente, o legislador sugere a eliminação do procedimento especial para contratação de serviços de consultoria, passando a estar submetidos ao regime geral de contratação aplicável às aquisições de serviços, para além da instituição de um novo regime dedicado aos acordos-quadro, como instrumentos especiais de contratação.

Porém, "a presente lei não pretende apenas congrega o regime de formação dos contratos mais relevantes na prática administrativa nacional", assinala-se no comunicado, ressaltando que a Lei incorpora também o regime de execução de contratos referentes a empreitadas, bens e serviços.

O Governo entende que a "revisão serve para corrigir o cenário legislativo actual, no qual, entre os principais contratos celebrados pela administração pública, apenas o contrato de empreitada vê a sua execução especificamente regulada por lei, originando preocupantes lacunas e uma intolerável insegurança jurídica no tocante aos direitos e obrigações assumidos pelas partes dos frequentes contratos que a administração celebra e que têm por objecto bens e serviços".

# É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

E FAÇA PARTE DA BOLSA  
DE QUADROS DO PAÍS

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

## QUEM SE DEVE CADASTRAR?

### Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

## PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS  
NACIONAIS JÁ SE  
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO  
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: [quadros@mgm.gov.ao](mailto:quadros@mgm.gov.ao) | +244 916 532 964

**Política de privacidade** O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

# Gestão



Angolanos vão participar pela terceira vez

MACAU ACOLHE A COMPETIÇÃO INTERNACIONAL DE ESTRATÉGIA E GESTÃO DE EMPRESAS

## Angolanos com lugar garantido

**COMPETIÇÃO.** Estudantes universitários angolanos de empresas participam, de 18 a 20 de Abril, em Macau, na competição internacional de estratégia e gestão de empresas.

Por António Miguel

**A**ngola participa na competição internacional de estratégia e gestão de empresas, a decorrer de 18 a 20 de Abril, em Macau. Trata-se

da edição 2015 do concurso Global Management Challenge (GMC), criado em Portugal por Simuladores e Modelos de Gestão (SDG) e pelo jornal 'Expresso'.

Os angolanos que representam o país foram selecionados na sequência de provas de apuramento que tiveram lugar em Luanda, de 1 a 6 de Abril. A equipa que representa Angola é constituída por cinco estudantes e a média de idade do grupo é de 24 anos. De acordo com o responsável da delegação, Rui Machado, este ano participam apenas estudantes universitários, maioritariamente da Faculdade de Economia, da Uni-

versidade Agostinho Neto.

Esta é a terceira vez que os angolanos participam do GMC, em nível internacional. A última participação ocorreu em 2012, também em Macau. No entanto, o concurso está em Angola há 11 anos, sob a responsabilidade da SOIK Investments, uma empresa angolana de gestão de recursos humanos. A equipa conta também com o patrocínio de algumas empresas, como a consultora Deloitte. A

### MEMORIZE

● O **Global Management Challenge** é uma iniciativa criada, em Portugal, por Simuladores e Modelos de Gestão - SDG - e jornal 'Expresso'. A ideia surgiu de uma apresentação a que os seus fundadores assistiram na Universidade de Strathclyde, Glasgow, no Reino Unido.

delegação tem ainda o apoio institucional da Comissão de Mercado de Capitais, do Ministério da Administração Pública Trabalho e Segurança Social e do Gabinete de Quadros da Presidência da República.

Além de Angola e dos próprios anfitriões, participam na competição cerca de 30 países, como é o caso de Brasil, Camarões, Qatar, Costa do Marfim, Emirados Árabes Unidos, Eslováquia, Espanha, Estónia, França, Grécia, Hong Kong, Índia, Kuwait, Letónia, Marrocos, México, Nigéria, Polónia, Portugal, Quénia, República Checa, China, Rússia e Senegal. A Rússia venceu as duas últimas edições.

No primeiro dia do concurso, a 18 de Abril, está prevista uma cerimónia de abertura e de sorteio das

# 1980

ano da fundação da Global Management Challenge, em Portugal.

# 5000

mil quadros de empresas e estudantes universitários de todo o mundo já participaram do concurso.

### Há mais de 30 anos a premiar pelo mundo

O Global Management Challenge (GMC) foi lançado em Portugal, em 1980. Passados 36 anos, é considerado actualmente a maior referência de competição internacional de estratégia e gestão de empresas. A autoria da iniciativa tem a assinatura da SDG - Simuladores e Modelos de Gestão e do jornal 'Expresso'.

Os fundadores criaram o GMC depois de assistirem a uma apresentação realizada por um grupo de professores da Universidade de Strathclyde, em Glasgow, Reino Unido, sobre um modelo informático que permitia aos alunos testarem várias soluções para uma mesma empresa, verificando-se depois quais

eram as diferentes consequências dessas decisões.

Depois da sua estreia em Portugal, em 1980, e na sequência do seu sucesso e reconhecimento junto das empresas, a competição rapidamente se expandiu por todo o mundo. Ao longo de várias edições, foi ganhando cada vez mais prestígio e mais participantes. Posteriormente, a SDG passou a ser contactada por interessados estrangeiros que pretendiam organizar a competição nos seus próprios países. Actualmente o GMC ocorre em 30 países e já envolveu 5000 mil quadros de empresas e estudantes universitários de todo o mundo.

equipas por quatro grupos. 19 de Abril será o primeiro dia da prova. O teste baseia-se na tomada de cinco decisões de gestão de empresa referentes a determinados trimestres em avaliação. Para a final, que acontece a 20 de Abril, são selecionadas as duas equipas que obtiverem a melhor classificação em cada um dos grupos. Oito finalistas disputam o título, também com tomada de cinco decisões de gestão empresarial.

Esta é a quinta vez que Macau, território autónomo chinês, alberga o GMC. O acontecimento dá visibilidade à cidade, numa altura em que se comemora os 20 anos da presença do GMC naquela região asiática. Os participantes vão poder desfrutar do potencial turístico, lazer, clima e da gastronomia local.



A FUSÃO ANUNCIADA pelas 'gigantes' de alimentos Kraft e Heinz, controladas pela 3G Capital e Warren Buffett, criou a 3.ª maior empresa de alimentos da América do Norte. Os dados são da Nielsen e foram fornecidos pela própria The Kraft Heinz Company.



A UBER TECHNOLOGIES encerrou as operações na Califórnia, com um acordo de 25 milhões de dólares, após a empresa de táxi online ser acusada de enganar consumidores na confirmação de antecedentes de motoristas, declararam procuradores em Los Angeles e San Francisco.

GURU FALA DE COMO OBTER MAIOR PRODUTIVIDADE

# As lições de Tom Peters

**ESTRATÉGIA.** Dono de um currículo invejável, o também engenheiro civil pela Cornell University, e Ph.D. pela Stanford University, dos Estados Unidos, tem estado a viajar pelo mundo fora para transmitir conhecimentos sobre estratégia e excelência.



Por Redacção

Autor de vários best-sellers, como "In search of excellence" e "Liberation management", Tom Peters foi considerado, no ano passado, como o "guru dos gurus" pela revista 'Fortune' e "superguru" pela 'The Economist'.  
Numa recente visita ao Brasil, transmitiu a sua vasta experiência

sobre estratégia e excelência e deixou recomendações concretas sobre como empresários e gestores poderão alcançar a produtividade e o sucesso que almejam nas organizações.

**Desenvolva a comunicação interna.** Um dos maiores problemas nas organizações empresariais é a falta de comunicação entre os diversos níveis da empresa. Para o guru da gestão moderna, "se as pessoas não se entendem, não conseguem alcançar objectivo algum".

**Preocupe-se com a relação entre chefes e subordinados.** O grande motivo de insatisfação dos funcionários com a empresa é, para Tom

Peters, a má relação com seus supervisores imediatos. "Não importa se a empresa está a ter um bom ou mau desempenho. Se o empregado não está bem com o seu chefe, ele vai detestar o trabalho", afirma. Essa relação precisa ser positiva se o gestor quer que a produtividade dos funcionários seja boa.

**Fixe-se nos detalhes.** Para Tom Peters, "execução é estratégia" e, para ter sucesso, é imprescindível ter um objectivo bem traçado - não importa qual - e, mais do que isso, é necessário investir e executar exaustivamente cada ponto.

**Lembre-se que pequenas acções**

**resultam em grandes resultados.** Através do exemplo do Walmart, que aumentou consideravelmente os seus lucros depois de aumentar o tamanho dos carrinhos de compras - facilitando a compra de produtos maiores, como microondas - Peters mostra que não precisa ser um génio, nem criar projectos altamente elaborados para aumentar a rentabilidade dos negócios.

**Mantenha contacto com todos os membros ligados à empresa.** "Se você gere diversas instâncias, pessoas e processos, não deixe que eles fiquem sem a sua atenção ou supervisão", salienta. Considera ser importante delegar funções, mas adverte para que não se deixe nada completamente de lado.

**Trate os seus empregados como clientes.** Para Tom Peters nada é mais lógico do que tratar bem os funcionários para que possam igualmente tratar bem o consumidor final do seu produto. Para o guru, o trabalho do líder é promover o sucesso, o comprometimento e o entusiasmo nas pessoas que servem directa ou indirectamente o cliente.

**Direcione a sua atenção para as mulheres.** O mercado consumidor feminino é uma 'galinha dos ovos de ouro' e, por isso, as empresas devem tentar buscar desenvolver produtos e serviços que agradem a elas. Um bom começo é evitar tratar o consumidor como "ele", no masculino, e buscar formas mais igualitárias para conquistar esse mercado promissor.

**Seja obcecado em contratar os**

**melhores.** "Você pode concentrar-se em procurar os grandes talentos, mas você é obcecado por isso?", questiona. Tom Peters considera que o processo de contratação deve ter máxima prioridade, pois é dele que saem os melhores frutos. **Saiba ouvir, agradecer e pedir desculpas.** Na visão de Tom Peters saber ouvir é a alma do desenvolvimento das empresas. Com seu tom desafiador, o guru da gestão instiga os gestores a contar quantas vezes ao dia perguntam "o que você acha?". Ao dar poder às pessoas, ouvir suas opiniões é um reforço para o comprometimento e para o sucesso. O mesmo vale para gentilezas muito esquecidas, como agradecimentos e pedidos de desculpas. "Não prejudica ninguém e faz os funcionários mais felizes e produtivos", diz.

**Dê importância ao design.** Num contexto em que a maioria das empresas fornecem produtos de qualidade muito similar, o design é, para Tom Peters, fundamental para atrair consumidores. O guru dá o exemplo da Apple e da BMW para mostrar que o design está muito além da antítese de gostar e não gostar. "Ele está entre o amor e o ódio".

**Nunca perca um almoço.** "É nos almoços que conseguimos fazer os melhores negócios, pois é muito mais fácil você trabalhar com uma pessoa com quem você teve um contacto mais próximo do que com um estranho", diz. Peters acredita que é nas refeições que afinidades e a simpatia podem surgir, ajudando as partes a entrar em acordo.

O **Nová** Gazeta na internet

**ACESSE: [www.novagazeta.co.ao](http://www.novagazeta.co.ao)**



# Internacional

REVELAÇÕES ABALAM MUNDO FINANCEIRO

## Panamá provoca um 'terramoto'

**PARAÍÇOS FISCAIS.** O mundo financeiro foi abalado por uma fuga de informação que ameaça ser a mais importante da História. Uma bomba de revelações que atingiu alguns dos principais dirigentes mundiais, mas também estrelas da música e do futebol. A fuga partiu do escritório Mossack Fonseca, no Panamá, que deixou escapar 11 milhões de documentos confidenciais.



Panamá é um dos 'paraísos fiscais' mais procurados



### Sigilo precioso

A maior fuga de documentos relacionados com os offshore teve origem no Panamá. Curiosamente, o país nem sequer consta na lista dos '10 mais' a albergar empresas que procuram o sigilo bancário. Segundo o ranking da Tax Justice, uma organização independente que se dedica a investigar os offshore desde 2003, o Panamá só surge na 13ª posição.

#### Topo da lista:

- Suíça
- Hong Kong
- Estados Unidos da América
- Singapura
- Ilhas Caimão
- Luxemburgo
- Líbano
- Alemanha
- Bahrein

#### MEMORIZE

- **Alguns governos** iniciaram processos de investigação para averiguar se os offshore estão relacionados com o branqueamento de capitais.

Por Emídio Fernando

O ex-primeiro-ministro islandês, Sigmundur Gunnlaugsson, foi a primeira 'vítima' da maior revelação de documentos confidenciais da História, recolhidos pelo Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (CIJI) no escritório da Mossack Fonseca, do Panamá, empresa que

# 11

Milhões de documentos vazaram para a comunicação social, com listas de empresas em offshore.

só lida com a criação de offshores (os popularmente conhecidos por 'paraísos fiscais'). O líder islandês pediu a demissão por ser, com a mulher, proprietário de uma empresa no Panamá desde 2007 que permite a fuga aos impostos. Mas o escândalo atingiu outros dirigentes com maior relevo político na agenda internacional: Vladimir Putin, presidente da Rússia, e David Cameron, primeiro-ministro britânico. Até da China: membros da elite política e do Partido Comunista

são proprietários das empresas. Além deles, surgem nomes de jogadores de futebol, como Leo Messi, e o ministro angolano dos Petróleos, Botelho de Vasconcelos, que reconheceu ter a empresa, mas que nunca a usou.

Em Inglaterra, o primeiro-ministro, David Cameron, foi obrigado a admitir que lucrou com o fundo de investimento, em offshore do pai, Ian Cameron, evitando pagar impostos no Reino Unido. No entanto, o jornal inglês garante que David Cameron vendeu a parte que detinha na empresa, antes de ser eleito primeiro-ministro. Mas não pagou impostos sobre o lucro que obteve. No entanto, numa primeira reacção, David Cameron tinha desmentido possuir essa empresa.

Mais agastado com as revelações, Vladimir Putin classificou a fuga de informação como uma "tentativa de desestabilizar a Rússia". O líder russo surge nos documentos, juntamente com o seu círculo mais restrito, como um dos proprietários de uma offshore.

Na China, um dos genros do presidente e um cunhado surgem na famosa lista, ao lado de 10 outros membros da elite política chinesa. Uns surgem envolvidos directamente, outros através de familiares detentores de companhias. Entre eles, dois destacados dirigentes do Partido Comunista. Outros nomes envolvidos são uma neta do histórico líder chinês Mao-Tsé Tung e até uma criança, também neta de um dos dirigentes.

Curiosamente, nos 11 milhões de documentos não constavam, até ao fecho desta edição, nomes de empresários dos Estados Unidos. De resto, surgem nomes ligados à cultura, às artes e ao desporto em que um dos nomes mais sonantes é o do argentino Leo Messi que, com o pai, evita pagar impostos em Espanha colocando o dinheiro em 'paraísos fiscais'.

Alguns governos, sobretudo europeus, iniciaram investigações internas para perceber o grau de envolvimento dos proprietários dessas companhias, com o branqueamento de capitais ou com o tráfico de droga, já que sediar uma empresa em 'paraísos fiscais' não é ilegal.



A POLÍCIA de Marrocos desmantelou uma rede de tráfico de seres humanos que vendia crianças para França a mil euros cada. A rede comprava os bebés a mulheres grávidas que viviam em pobreza extrema.



A ANTIGA primeira-ministra da Nova Zelândia, Helen Clark, apresentou a sua candidatura a secretária-geral da ONU, disputando o lugar com o português António Guterres.

Genocídio no Ruanda: um dos mais terríveis da História



RUANDA RECORDA CRIMES

## Genocídio há 22 anos

O maior massacre da história de África e um dos maiores do mundo ocorreu há 22 anos no Ruanda. A data foi assinalada um pouco por todo o lado, em especial no próprio país que viu morrer mais de 800 mil tutsis, em apenas três meses, assassinados por extremistas hutus apoiados pelo governo.

Tudo começou em Abril de 1994, quando o presidente ruandês, de origem hutu, Juvénal Habyarimana, foi morto por rebeldes num atentado ao avião que o transportava numa visita oficial. De imediato, os hutu acusaram os tutsi pelo crime e começaram a matança logo

no dia seguinte: milhares de tutsi foram assassinados. Quem conseguia escapar procurava ajuda nos campos de refugiados nas fronteiras com o antigo Zaire (hoje República Democrática do Congo) e no Uganda. Em 100 dias, 800 mil pessoas morreram. Numa das províncias ruandesas, dos 59 mil tutsi, 50 mil foram assassinados. As mulheres foram violadas, os filhos mortos, numa matança em que a catana era a arma mais usada.

Apesar do genocídio, em Julho de 1994, os tutsi conseguiram derrotar o governo. As tensões religiosas e étnicas prosseguem no país, mas a memória do genocídio permanece acesa, mesmo depois de muitos soldados hutu, dirigentes partidários e até membros da Igreja Católica terem sido condenados pelos seus crimes.

'GUERRA' DE GIGANTES DO COMÉRCIO ELECTRÓNICO

## Alibaba ultrapassa a Walmart

O gigante chinês Alibaba, que já controla 75% do comércio eletrónico na China, converteu-se no maior retalhista do mundo, após superar o gigante de distribuição norte-americano Walmart. Numa nota enviada à imprensa e à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários dos EUA, a empresa, que gere os portais Taobao e Tmall, garante ter registado, no último ano fiscal, o maior volume bruto de vendas do mundo.

Os dados foram confirmados pela consultora Pricewaterhouse Coopers (PwC). A Walmart, que concluiu o ano fiscal a 31 de Janeiro, registou no ano passado mais de 482 milhões de dólares em vendas. O ano fiscal do Alibaba encerrou a 31 de março. Dez

dias antes, o vice-presidente executivo do Alibaba, Joseph Tsai, anunciou que o grupo tinha já movimentado três mil milhões de yuan (quase 500 milhões de dólares) em vendas através dos portais de comércio 'online'. "Se estas plataformas fossem uma província, seríamos a sexta maior economia regional da China", afirmou então Tsai. O número triplica os valores atingidos pela marca em 2012. Só no Dia dos Solteiros, celebrado na China a 11 de Novembro, pelos quatro 'um' que combinam nesta data (11/11) – uma alusão à figura de solteiro – o gigante do comércio eletrónico registou mais de 91 mil milhões de yuan (mais de 14 milhões de euros) em vendas. Pelas contas do Ministério do Comércio da China, em 2015, as compras 'online' no país excederam os 642 milhões de euros.



Empresa chinesa em alta



Fiat que o Papa usou em Nova Iorque

VENDA FOI FEITA NUM LEILÃO EM NOVA IORQUE

## Carro do Papa vale 300 mil dólares

Um pequeno carro, o Fiat 500L, que foi utilizado pelo Papa Francisco durante a visita a Nova Iorque, em Setembro, foi arrematado por 300 mil dólares em leilão, anunciou o portal que realizou a venda.

O pequeno automóvel preto foi

um dos dois Fiat 500 colocados à disposição do chefe da Igreja Católica durante a sua primeira visita à maior cidade dos EUA.

O valor da venda superou 12 vezes o preço de licitação inicial. O carro foi adquirido pelo empresário milionário Miles Nadal, que detém mais de 130 carros e motos, de acordo com o Charitybuzz, um 'site' que organiza leilões.

O anúncio foi feito no mesmo dia que o Papa divulgou a intenção de visitar a ilha grega de Lesbos, que tem acolhido refugiados vindos do norte de África. O chefe da Igreja Católica voltou a apelar aos cristãos que respeitem e apoiem os refugiados e reforçou o pedido dirigido a todos os Estados europeus que acolham os refugiados não só africanos, como os vindos da Síria.

# Educação & Tecnologia

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA IBERO-AMERICANA

## Teses de doutoramento em conferência internacional

**ENSINO A DISTÂNCIA.** A Fundação Universitária Ibero-Americana, que também tem presença em Angola, realizou uma conferência, no Brasil, sobre elaboração de teses de doutoramento.



Estudantes aprendem a enfrentar desafios da actualidade

Uma conferência gratuita sobre como elaborar uma tese de doutoramento foi realizada, em Março, na cidade brasileira de Florianópolis.

O evento, organizado pela Fundação Universitária Ibero-Americana (FUNIBER), teve como orador Antonio Pantoja, doutorado em Filosofia e Ciências da Educação.

O conferencista debruçou-se sobre a necessidade do sistema educativo mundial enfrentar os desafios da actual sociedade. As universidades foram alertadas a criar mecanismos que incentivem os estudantes a inclinarem-se para a pesquisa educacional. Este colóquio foi a terceira edição da 'Oficina

### MEMORIZE

● A FUNIBER é uma instituição que se desenvolve por meio de diversos convênios e projectos, participando em eventos, tanto académicos, científicos e de pesquisa como de cooperação, desenvolvimento e crescimento económico, graças ao vínculo com universidades e instituições profissionais do mundo, visando proporcionar uma formação global.

# 15%

Indicador percentual do crescimento anual da bolsa de estudo da FUNIBER

Internacional sobre Elaboração de Tese de Doutoramento', pela FUNIBER, que contou com a parceria da Universidade Jaén, de Espanha. AFUNIBER, que também tem

representação em Angola, concede bolsas de estudos a estudantes de vários países do mundo, com o objectivo de evitar que alunos aplicados desistam da formação por razões financeiras. A fundação está presente no universo da educação à distância e presencial.

Após mais de dez anos a conceder bolsas de estudos, o capital humano, mobilizado pela FUNIBER, possui um volume de tal grandeza que, em alguns países, chegou a ser um activo relevante para a sociedade e uma referência obrigatória no momento de analisar o crescimento do pessoal capacitado nesses países.

As bolsas de estudo desta organização correspondem a uma significativa parcela financeira das operações da FUNIBER. Anualmente, em cada país, analisa-se o montante desse investimento, com a intenção de fazer com que atinja um contingente cada vez maior da população. De um ano a outro, o crescimento dessa bolsa de estudo é de 15%.

A formação pode ser solicitada em qualquer sede da FUNIBER ou pelo seu formulário na internet, desde que sejam cumpridas todas as condições solicitadas. O Comité Avaliador examinará a pertinência de cada candidatura, em função dos antecedentes apresentados, do histórico académico e profissional, das rendas pessoais e familiares e das condições sócio-familiares.

O APARELHO PODERÁ VIR COM SENSOR DE IRIS

## Galaxy Note 6 será à prova de água

Acompanhar o mercado de smartphones é dar de 'cara' sempre com especulações sobre as novidades das principais marcas do mercado, tão logo seja lançado um novo aparelho. Como tem sido hábito, a Samsung mal apresentou o Galaxy S7 e o Galaxy S7 Edge ao público e já há informações sobre o próximo dispositivo top, que vai ser apresentado ao mercado.

Desta vez, trata-se do Galaxy Note 6, phablet, tablet de mão da

sul-coreana que supostamente seria apresentado em Julho, adiantou os planos da empresa que normalmente revela um novo modelo da linha Note apenas no fim do ano. Uma fuga de informação do site SamMobile, mostra que o dispositivo contará com a certificação IP68, exactamente como os recentes smartphones lançados pela Samsung.

O aparelho vai contar com protecção contra água e poeira, e poderá ficar submerso em até 1,5 metros de profundidade durante até 30 minutos. Essa fuga de informação também reforça a ideia de que a Samsung vai importar o design do Galaxy S7/

S7 Edge para o novo phablet, conservando a linguagem transmitida pelo dispositivo da marca.

Porém, a novidade que chama a atenção é a possibilidade de o Galaxy Note 6 chegar aos consumidores equipados com um sensor de íris. O boato é reforçado por uma remessa de produtos realizada pela Samsung para peças que compõem esse mecanismo.

Segundo informações mais recentes, esse sistema de leitura de íris estaria integrado à câmara frontal e seria utilizado principalmente para a autenticação e segurança do Galaxy Note 6.



Novo tablet de mão da marca sul-coreana

Primeira fase da  
requalificação de Luanda



Mário Mijangas © VE

## REQUALIFICAÇÃO URBANA

# Obras na marginal da Corimba podem perigar ambiente

**IMPACTO AMBIENTAL.** Ministério do Ambiente admite que as obras poderão impactar negativamente no ambiente, mas, ainda assim, considera o projecto “viável e sustentável”.

Por Isabel Dinis



A directora nacional de prevenção e impacto ambiental do Ministério do Ambiente, Sandra do Nascimento, recomenda que poderá haver “impactos ambientais negativos”, no aterro que deverá ser colocado ao longo

da área da Marginal da Corimba. No entanto, admite que os efeitos deverão ser “mitigados com o tempo”.

Sandra do Nascimento participou numa sessão de consulta pública para o projecto de requalificação urbana da marginal da Corimba, com vista a avaliar o impacto ambiental das obras, em que considerou o projecto “viável” e “sustentável”.

Numa primeira fase, o gabinete de gestão do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Futungo de Belas vai desenvolver a dragagem e um aterro

hidráulico de uma área que vai desde o centro cultural Agostinho Neto até à antiga rotunda da Corimba.

Na segunda fase, vai ser construída a plataforma do aterro, execução e construção de uma via, com aproximadamente sete quilómetros de extensão, com um recuo de 110 metros para a Baía, numa área total de 294 hectares. A via terá quatro faixas de rodagem. Com a empreitada, o director do gabinete de gestão do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Futungo, Rodrigo dos Santos, perspectiva “melhorar” a circulação entre a baixa de Luanda e áreas como o Futungo, Talatona, Nova Vida, Benfica, entre outras. “O projecto vai ainda contribuir para a mobilidade urbana que é crítica”, declarou.

O projecto contempla ainda a construção de uma doca marítima para facilitar quem vive da pesca na zona. Prevê-se ainda ao longo da plataforma estruturar um eixo para a passagem do metro ligeiro de superfície, transporte de massas e o catamarã. O projecto ainda não foi licenciado e deverá ser executado num período de três anos.

PUB

### Nem o Anselmo resiste!

O café em cápsulas Delta Q é simples, rápido e... delicioso!  
Aproveita já a promoção de Oferta de 1 Máquina na compra de outra numa loja perto de ti!

“Este café é um Show”

ANSELMO *Ralph*

**OFERTA  
1 MÁQUINA  
NA COMPRA  
DE OUTRA.**

**Delta<sup>®</sup> Q**  
perfeQtly espresso

www.mydeltaq.com

www.facebook.com/deltaqangola

# Marcas & Estilos

## Para ouvidos modernos

Os auriculares Schatzii Bullet têm o formato de uma cápsula completamente lisa e constitui uma das mais minúsculas 'obras de arte' com dispositivo bluetooth. Com um peso que não ultrapassa os 3,5 gramas, o Bullet permite efectuar chamadas sem grandes esforços, ouvir música com uma qualidade cristalina e audibilidade impoluta.

## Calçado selvagem

A colecção da Chiara Ferragni continua focada na elegância. Com a nova linha de calçados The Blonde Salad, o requinte começa nas sabrinas e termina em botas de salto transparente.

## Elegância no chão

Nunca foi tão fácil manter a cabeça erguida e os pés assentes no chão. Os novos sapatos Black Medallion Captoes da Peal & Co. proporcionam-lhe comodidade. Os atacadores foram ajustados ao cabedal de primeira linha.

## Um olhar com elegância

Os óculos de sol NDG da Oliver Peoples incorpora o estilo e a moda nova-iorquinos. A armação foi fabricada num tom cinza-tartaruga, com lentes azul-anis, com tom e estilo fotocromático.

## Viagens livres

Com esta capa, a bagagem torna-se livre de riscos e permanece limpa durante as viagens, mantendo-se sempre à vista. Esta cobertura protege, mantém limpa, personaliza e identifica a sua bagagem, além de a tornar mais durável.

## Horas que valem ouro

Rotonde de Cartier é uma colecção de relógios, cuja caixa guarda os movimentos mais avançados da alta relojoaria: o astro-regulador, o repetidor de minutos, astro-turbilhão e a complexidade do esqueleto.

A caixa tem uma coroa perolada, em ouro rosa de 18 quilates, ornada de um cabochão de safira azul.

A pulseira é de couro de crocodilo marrom, a fivela desdobrável e regulável de forma dupla. É resistente à água até 30 metros.



## RESTAURANTE

## Com Luanda aos pés

Há uma mistura de cosmopolitismo e tradição na esplanada do Hotel Ilha do Mar, em Luanda. Na ilha, claro. A vista, virada para a cidade, mostra-nos um quadro citadino, repleto dos 'néons' dos novos prédios que nascem na capital, dando um espectáculo de luz e cor. Do outro lado, há uma vista para o mar que parece não ter fim, com as luzes, lá no fundo, dos navios que se aproximam da cidade. O calor, por estes dias, ajuda a passar momentos únicos, bem servidos com o tradicional muzongué da Ilha e, por exemplo, com sumos naturais ou com a escolha de uma generosa carta de vinhos. A alternativa passa por diferentes pratos de carne e um prato de legumes cozidos 'ao ponto'. Além da paisagem, há o ambiente com três espaços: o interior, de ar condicionado 'gelado', e os dois terraços. Os preços são 'simpáticos' para a altura em que se vive, não fugindo das características mais requintadas da ilha. O atendimento é muito eficiente e agradável, mas a nota negativa vai para o horário da cozinha, que encerra às 22h. Muito cedo.

## BMW X1

## Conforto na cidade

Quando se pensa em velocidade, pensa-se em BMW. No caso, este 'lugar-comum', que já tem décadas, não é o mais importante no novo modelo da BMW: o X1. Esclarece a marca que se trata de um carro "robusto que coloca de parte as soluções rotineiras". Este modelo distingue-se pelo conforto: ao contrário do que é habitual, os passageiros não vão 'colados' ao chão, mas podem se sentar em bancos que se elevam. Além disso, tem

uma segunda fila, os de trás, de bancos ajustáveis, com encostos que se rebatem com um único toque. O X1 aposta assim no conforto, utilizando ainda pára-choques compactos, em modelos que com motores a diesel ou a gasolina. A marca explica que quis "aliar um conceito desportivo com o conceito citadino" e destaca a longa distância entre eixos. Na versão mais simples, custa na Europa mais de 40 mil dólares.



“Embora a política englobe tudo, é necessário que não se misturem. Arte é mesmo arte e política é política. Os artistas têm de ser imparciais.”

GARY SINEDINA actua a 16 de Abril na Serra da Chela, no Lubango. E a 29 de Abril, no Casino de Viana, em Luanda, num espectáculo que pretende celebrar o Dia Mundial do Jazz.

**GARY SINEDIMA, MÚSICO**

# “Os artistas têm de ser imparciais”

**ENTREVISTA.** Gary Sinedima gostava de ver “melhoras rápidas” na Educação e Saúde. Nem que se vá buscar fundos noutras áreas. Em entrevista ao VE, considera que um músico deve saber que arte e política não são a mesma coisa.

Por Onélio Santiago

Angola e por outros países africanos; promovo os meus trabalhos.

## Como nasce a paixão pela música?

Na infância. Aos três anos, já compreendia a extensão da música. Aprendi que é composta por ritmo, harmonia e compasso. Só de ouvir, já entendia estes três elementos.

## Que impacto teve o concurso ‘Estrelas ao Palco’?

Foi a génese da minha arte. Foi o começo da carreira, em 2009. Os amigos aconselharam-me a participar porque era um concurso que elevava os novos talentos.

## Apesar de não ter nenhum álbum, é famoso. Como explica isto?

Isso parte de um arsenal natural e simples, que é a arte. É verdade que não tenho álbum, mas participo em ‘shows’; tenho viajado muito, por

## Como avalia a música dos jovens?

Estão com uma grande energia, mas falta instrução e acompanhamento. É muito importante que o artista se forme, para não fazer a coisa só por fazer. Chegou uma altura em que me senti obrigado a estudar. Estudei música, canto e piano e hoje consigo sentir a diferença.

## E os mais-velhos?

Nós, os jovens, bebemos muito dos kotas. É preciso admitir que a música de kotas como Belita Palma, Lurdes van-Dunem, André e Rui Mingas, Filipe Mukenga contribuem até mesmo para a construção do nosso mosaico cultural.

## Há quem diga que há política a mais na arte.

Embora a política englobe tudo (e as



## PERFIL

**Nome:** Garinaldino Jerónimo Sinedima  
**Idade:** 23 anos  
**Estado civil:** solteiro  
**Viagem:** Huambo e Pretória

artes não são excepção), é necessário que não se misturem. É muito importante que se estabeleça esta separação. Arte é mesmo arte e política é política. Os artistas têm de ser imparciais.

## E têm sido?

Penso que sim. Os artistas têm sabido diferenciar as coisas, apesar de alguns serem tidos como grandes políticos [risos].

## É um jovem à frente do seu tempo?

Todos os que têm educação e que têm berço causam a sensação de estarem avançados. Não diria que estou avançado. Sou uma pessoa com orientação. Diferencio-me dos outros por causa da educação.

## Uma educação de duas culturas...

Sim. A mãe é do Huambo, o pai é do Cunene e eu nasci no Namibe. Vivi lá até aos sete anos e depois mudei-me para a Namíbia, onde fiquei até aos 13 anos. E os últimos dez foram passados em Luanda.

## O que mais o preocupa?

A saúde e a educação. O país tem fortes lacunas nestas áreas. Precisamos melhorar rapidamente. Nem que para isso se invista na arte como uma das formas de se angariar fundos e, depois, aplicá-los aqui.

## E o seu disco?

Não tenho pressa. Estou em fase de formação, quer a nível artístico, quer académico. O jazz e o soul exigem muito do artista.

## Vive da música?

Sim. Faço-o de forma inteligente. O que ganho em espectáculos, nos bares e em participações é o que me permite comprar o pão e a roupa.

## Quanto custa um espectáculo seu?

Em espectáculos, posso facturar, numa semana, entre os cinco e os dez mil dólares. Mas, quando toco em bares, uma noite pode rondar os 100 mil kwanzas.

## As cavernas no Brasil

Há mais de 600 milhões de anos, foi formada uma das mais espetaculares atracções subterrâneas do Brasil: as cavernas de Terra Ronca. É um dos maiores complexos espeleológicos do mundo, localizados em São Domingos, em Goiás. Oferece um ecoturismo de aventuras, recheado de emoção e adrenalina. São várias cavernas esculpidas por rios, com formações moldadas há milhões de anos, desde que a região era banhada pelo mar.

A principal atracção é o complexo cavernícola, de 40 quilómetros, onde se encontram

inúmeras grutas como as de Terra Ronca (que deu nome ao parque), São Mateus e Angélica. É um sistema de grutas, com galerias quilométricas e um grande volume dos cursos de água.

A Terra de Ronca é composta por quase 300 cavernas, mas apenas algumas foram exploradas: Angélica, Terra Ronca I e II, São Vicente, São Bernardo, Lapa do Bezerra e São Mateus. Sete constam da lista das 30 maiores do Brasil.

O parque foi criado em 1989 para preservar o complexo de cavernas, com as gigantescas colunas de estalactites, estalag-

mites. Foi declarada Reserva da Biosfera pela UNESCO, em 2000.

A culinária de Goiás destaca-se pela a pamonha, feita à base de milho verde. Encontra-se em salgados, doces, apimentados e com os mais diferentes recheios, que incluem até jiló e guariroba. Os pratos típicos são o arroz com pequi, a paçoca de pilão, o peixe assado na telha e a galinhada.

## ONDE FICAR

Há várias opções de hospedagem na cidade e arredores, desde hotéis, pousadas e pensões para todos os gostos e bolsos.



## COMO IR

Não há voos directos de Luanda para Goiás. A alternativa é ir por

São Paulo ou Brasília. A passagem pode custar cerca de dois mil dólares.

NÚMEROS DA SEMANA

20.038

é o número de cooperativas agropecuárias que estão cadastradas no país, segundo dados recentes da Confederação das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias de Angola (UNACA).

50

milhões de dólares é o valor aplicado, pela empresa Refriango, para a criação de uma cerveja, baptizada com o nome 'Tigra'.

250

mil é o número de quilates de diamantes para que a Sociedade Mineira do Tchegi (SMT) prevê produzir em três anos.

10

mil dólares é o tecto máximo autorizado para que angolanos e estrangeiros, maiores de 18 anos, transportem quando se deslocarem ao estrangeiro.

OGE RECEBE VERBA ADICIONAL

# Novas admissões custam 31,4 mil milhões de kwanzas



Pelo menos 31,4 mil milhões de kwanzas serão adicionados ao Orçamento Geral do Estado (OGE) 2016, para o pagamento de despesas relacionadas com novas admissões de pessoal da saúde, educação

e ensino superior. Esta acção surge no seguimento da aprovação, por decreto presidencial, de abertura de crédito adicional ao OGE.

Por causa da crise financeira, o Governo tinha suspenso os

concursos públicos de admissão de pessoal na função pública. Por razões da situação de saúde e educação que o país enfrenta, excepcionalmente abriu-se as inscrições para admissões nestes sectores. Na saúde, prevê-se recrutar dois mil técnicos, entre médicos e paramédicos nacionais e estrangeiros, para fortalecer a luta contra a febre-amarela e a malária.

Segundo o OGE, o Governo previa gastar 1,4 biliões de kwanzas, em 2016, com o pagamento de vencimentos e contribuições sociais da função pública. O Estado solicitou "assistência" do Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo o ministro das Finanças, Armando Manuel, o apoio será para um Programa de Financiamento Ampliado para apoiar a diversificação económica a médio prazo.

MIGRAÇÃO

# Ilegais elevam despesas do Estado

O Estado gastou, nos últimos três anos, 261,2 milhões de dólares com o repatriamento de 122.385 imigrantes ilegais, segundo um documento do Ministério do Interior. O número de imigrantes ilegais expulsos caiu cerca de um terço na primeira semana de Abril, ficando abaixo dos 700 casos em sete dias.

Foram "expulsos do país por permanência ilegal", por via administrativa e judicial, 688 cidadãos estrangeiros, menos 266 casos face à semana anterior. Ainda de acordo com os números oficiais, estavam



contabilizados na última semana, através dos Centros de Detenção de Estrangeiros Ilegais, 447 cidadãos detidos por situação migratória irregular (menos uma centena no espaço de uma semana) e que

aguardam o regresso aos respetivos países de origem.

Em 2015, por semana, foram expulsos cerca de mil ilegais. No mesmo período, por infrações migratórias, foram aplicadas multas a 70 cidadãos e uma empresa. Os imigrantes de países do leste e oeste de África representam o maior número de ilegais em Angola, destacando-se os da RD do Congo, com 112.608 do total de 121.421 cidadãos africanos ilegais. Da Europa, Portugal surge em destaque no período em referência, com 40 de um total de 61 europeus.



## Empresas lusas ao lado de Angola

A Associação Empresarial de Portugal (AEP) diz não ter sido apanhada desprevenida com a notícia do pedido de assistência financeira ao FMI por parte do Governo angolano.

Em comunicado, a associação presidida por Paulo Nunes de Almeida, refere que essa assistência servirá para "reestruturar e modernizar o sistema económico do país, tonando-o menos dependente das oscilações do preço do petróleo nos mercados internacionais". E que essa pode ser uma boa notícia para as empresas portuguesas.

A AEP termina a sua tomada de posição dizendo que a intervenção do FMI poderá ser "uma oportunidade a ter em conta pelas empresas portuguesas", sobretudo para aquelas que, "tendo estado a vender no mercado angolano nos últimos anos", queiram capitalizar os investimentos e o conhecimento adquirido e passar a "uma nova fase do seu processo de internacionalização".

O VALOR ESTA SEMANA

GARANTIA SOBERANA

### Estado 'salva' BPC

O Banco de Poupança e Crédito contraiu um empréstimo de 325 milhões de dólares do Banco Africano de Desenvolvimento, no ano passado, e o Estado autorizou uma garantia soberana para cobrir a dívida. Os valores servem para financiar a reestruturação do banco e repor serviços e produtos, incluindo o crédito. **pág. 11**

SEGUROS

### ENSA entra nos petróleos

A ENSA foi indicada para assumir, transitivamente, a posição de líder do regime especial de co-seguro para as actividades petrolíferas, segundo um despacho presidencial de 31 de Março. A seguradora nacional assume um papel que antes era desenvolvido pela AAA. A ENSA vai partilhar riscos com as demais seguradoras. **pág. 16**



CERVEJEIRA

### Grupo Castel produz milho

O grupo Castel vai investir na produção de milho em solo nacional, com vista a reduzir custos de importação com essa matéria-prima. O grupo dispõe de "dezenas de milhões de dólares" e de equipamento técnico. A empresa tem também, em estado avançado de concretização, a edificação de uma fazenda para produção de milho. **pág. 15**